



EmRede

FILHAS DE JESUS

Ano XXI - Número 24 - Ano: 2026

Educar é um verbo
que se conjuga
no presente

Pág. 05

Novos Mapas de Esperança na Educação

Do planejamento à ação

Pág. 03

**Onde foi parar a
nossa aldeia?**

A solidão invisível de educar
uma criança no século XXI

Pág. 07

**Tecnologias assistivas
no atendimento
educacional especializado:**

contribuições para a aprendizagem do
público-alvo da educação especial

Pág. 36



5 e 6 de setembro, em Bragança Paulista.

Palestrantes confirmados:



Ir. Maria Inez Furtado de Mendonça, FI

Filha de Jesus. Formada em Psicologia, Filosofia, Teologia e Pedagogia, com pós-graduação voltada à direção e à gestão de escolas católicas. Atuou por 35 anos em sala de aula; nos últimos 13 anos desse período, exerceu a função de direção em escolas da Rede Filhas de Jesus. Há 25 anos, dedica-se à animação da missão universal da Congregação FI, com atuação no governo e no aprofundamento do carisma.



Ir. Patrícia Helena Coimbra, FI

Filha de Jesus. Graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), possui Pós-Graduação em Espiritualidade Cristã e Acompanhamento Espiritual pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). É Mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e, atualmente, é Doutoranda na mesma área e instituição. Atua como professora nos Anos Finais e no Ensino Médio, além de exercer a função de gestora pastoral das escolas da Rede Filhas de Jesus no estado de São Paulo.



Ir. Leila Janaína Pereira da Silva, FI

Filha de Jesus, conselheira provincial e atuante na formação bíblica em paróquias. Mestra em Teologia pela UNICAP. Graduada em Teologia pela FAJE e em Pedagogia pela UESPI. Possui especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual, pela FAJE, e em Animação Vocacional, pela La Salle.



Renata Gazinelli Bernoulli Educação

MBA em Gestão de Escolas, pós-graduada em Educação Ambiental e Sustentabilidade, especialista em Educação centrada em Valores Humanos, pedagoga, sólida vivência em Gestão, Liderança e Experiências Pedagógicas da atualidade. Multiplicadora do Projeto "Escola de Pais" em escolas, desde 2004. Há 10 anos no Bernoulli, atualmente como diretora de Inteligência Pedagógica.



Jonathan Félix de Souza

Mestre e Doutor em Ciências da Religião, cursando Doutorado em Administração, Gestão Estratégica das organizações. Administrador e gestor educacional com atuação em governança institucional e liderança executiva em organizações educacionais.



Rosângela Florczak PUCRS

Doutora em Comunicação. Decana da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS - FAMECOS. Consultora em Prevenção e Gestão de Crises.



Patrícia Pessoa

Doutora e Mestra em Saúde do Trabalhador. Diretora, consultora, mentora e palestrante, especialista em Gente e Gestão com foco em liderança, carreira e treinamentos corporativos.



Ailton Dias FTD

Doutor e mestre em Educação, professor, historiador, filósofo, psicólogo e teólogo. Especialista em Psicopedagogia.



Carlos Eduardo Cardozo (Cadu) Rede Santos Anjos

Filósofo e Economista, mestre e doutor em Educação. Gestor da Rede de Educação Santos Anjos e Diretor da Unidade Santos Anjos do Rio de Janeiro.



Leila Ferreira

Graduada em Jornalismo e Letras, com mestrado em Comunicação pela Universidade de Londres. Atuou como repórter da Rede Globo e durante 10 anos apresentou o programa "Leila Entrevista" na Rede Minas de Televisão e TV Alterosa (SBT), entrevistando mais de 1.600 pessoas. O programa produziu 13 séries internacionais.



REDE FILHAS DE JESUS

Novos Mapas de Esperança na Educação

Do planejamento à ação

Há uma frase que atravessa, como fio condutor, as páginas desta edição: educar é um ato coletivo. Simples na forma, profunda no conteúdo, ela resume o espírito que animou cada texto, cada relato, cada reflexão reunida aqui.

Vivemos tempos de contradições intensas. Nunca tivemos tanta tecnologia e, ao mesmo tempo, nunca nos sentimos tão sós. Nunca falamos tanto e, paradoxalmente, nunca ouvimos tão pouco. É nesse cenário que a escola é chamada a ser mais do que um lugar de transmissão de conteúdos, ela é convocada a ser território de encontro, de escuta e de esperança.

Abrimos essa edição com uma reflexão sobre o tempo presente como o único tempo do verbo educar. Um convite urgente a pausar a distração do cotidiano e olhar nos olhos das crianças que nos foram confiadas. Em seguida, o projeto Laços que Educam nos mostra que, quando escola e família constroem pontes de diálogo verdadeiro, a aldeia que a solidão do século XXI ameaçava dispersar renasce com mais força.

A contação de histórias aparece como poderosa aliada na Educação Infantil, não apenas como recurso pedagógico, mas como experiência de encantamento que forma leitores e desenvolve a sensibilidade humana desde os primeiros anos de vida. Na mesma direção, os projetos do contraturno escolar revelam como o tempo, para além da sala de aula, pode se transformar em espaço de protagonismo, criatividade e pertencimento.

Abordamos também um dos fenômenos mais desafiadores da gestão escolar contemporânea: a judicialização das relações educativas. A gestão escolar ganha espaço próprio nesta edição, com reflexões sobre liderança servidora, saúde mental no ambiente de trabalho e os impactos das tecnologias

digitais na vida das instituições de ensino. Temas urgentes, que exigem de nós maturidade institucional e coragem ética.

Trazemos ainda as tecnologias assistivas como instrumento essencial de inclusão, e a força pedagógica da capoeira como caminho de valorização da cultura afro-brasileira e de combate ao racismo estrutural. Ambos nos lembram que educar integralmente é educar para a dignidade de todos.

A espiritualidade inaciana, os desafios da educação cristã, o ensino de inglês na primeira infância e a importância estratégica da comunicação escolar completam o mosaico desta edição - diverso na forma, coeso no propósito.

Por fim, um depoimento singelo e tocante nos lembra por que fazemos o que fazemos.

Esses são os nossos novos mapas de esperança. Não são perfeitos, não estão prontos, mas estão sendo desenhados, todos os dias, por mãos que ensinam e por corações que acreditam.

Boa leitura!

Renata Dantas
Jornalista Responsável



Índice

Novos Mapas de Esperança na Educação	03
Educar é um verbo que se conjuga no presente	05
Onde foi parar a nossa aldeia?	07
A importância da Contação de Histórias na Educação Infantil	10
Novos Mapas de Esperança: mediação e pedagogia do cuidado em resposta à judicialização escolar	13
A Geografia do Abrigo: Interdisciplinaridade e Justiça Social no Estudo da Moradia e do Refúgio	19
Escola viva	23
Família e Escola: parceria que transforma a educação	25
Desafios na Educação	27
Saúde Mental	34
Tecnologias Assistivas no atendimento educacional especializado	36
Novos Mapas de Esperança	40
A importância estratégica da produção de conteúdo no ambiente escolar	44
Ser e estar na Rede Filhas de Jesus	48
Young Learners	50
Educação e Identidade	52

Expediente

Revista Em Rede

Congregação das Filhas de Jesus

Sociedade de Educação Integral e de Assistência Social

Ano XXI | Número 24 | Setembro 2026

Tiragem: 1.000 | Distribuição Gratuita

**CONGREGAÇÃO DAS
FILHAS DE JESUS
GOVERNO PROVINCIAL
BRASIL - CARIBE**



Ir. Regina Célia de Oliveira - Superiora Provincial
Ir. Leila Janaina Pereira da Silva - Primeira Conselheira
Ir. Sônia Regina Rosa - Segunda Conselheira
Ir. Gisélia Maria de Sousa - Terceira Conselheira
Ir. Arisleida María Rincón Puello - Quarta Conselheira

CONSELHO EDITORIAL

Cássia Lara Neves de Araújo

Maria José Alves Machado

Renata Pires de Mendonça Dantas

GESTÃO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING JORNALISTA RESPONSÁVEL

Renata Pires de Mendonça Dantas
(Reg. Prof. 09059-JP/MG)

COLABORAÇÃO

Equipe pedagógica e administrativa
da Rede Filhas de Jesus

REVISÃO

Renata Pires de Mendonça Dantas e Simone Rezende

FOTOS

Acervo Rede Filhas de Jesus e Banco de Imagens

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Quener Barros

UMA PUBLICAÇÃO DA REDE FILHAS DE JESUS

Seias - Sociedade de Educação Integral e Assistência Social

R. Ludgero Dolabela, 1021- 6º andar - Gutierrez - 30441-048

Belo Horizonte / MG - 31 3337-8755

Educar é um verbo que se conjuga no presente

Imaculada - Campinas

O dia amanhece e logo estamos absorvidos por nossas rotinas intensas de responsabilidades e compromissos. Engolimos os alimentos, consumimos produtos, vestimo-nos para causar boa impressão, estamos no lugar e na hora certa dos eventos, que não são poucos. O dia segue em calls, meetings, consultas, entrevistas, protocolos, documentos...

Basta um desviar de olhos para vermos ali, ao nosso lado, ela, nossa criança, olhos abertos, olhos que pedem, olhos que chamam. Então nos lembramos de quando tudo começou...

Essa criança, um dia, era sonho... Como se chamaria se fosse menina? E se fosse menino? E o sonho se

concretiza no ventre da mãe que se torna nave tripulada na aventura da vida. O céu tem novos tons, do azul ao lilás, porque o mundo é outro. Por um intervalo regado de infinito nada é mais importante do que esse milagre que cresce no ventre daquela que, agora, se chama família. O tempo para em respeito à maior certeza de que Deus ama a humanidade: a vida multiplicada!

Mas os dias seguem... Ela volta a dominar o tempo que estava distraído: a rotina. E do colo, essa criança salta para a tela: selfies, posts, reels, e uma infinidade de takes que eternizam essa espera concretizada em gente! Como o tempo, também nós estamos distraídos, assistindo aos nossos filhos vertidos em pixels.

Nessa distração, apresentamos a eles um código relacional que é sempre mediado e fragmentado. Na ausência do olhar, assistimos à vida em recortes, pelas telas de nossos celulares, desaprendendo que o encontro tem o poder de sincronizar a batida do coração; que a conversa tem turno, com vez de fala e vez de escuta, e que esse revezamento dialógico ensina tudo sobre reconhecer o outro como uma pessoa em sua dignidade; que o abraço demorado é curativo e palavra sem voz; que o humano se faz da mimese entre humanos; que o poder criativo da criatura humana é revolucionário e transformador, desde que não subjuguem seu semelhante e nem impeçam os olhos de pousarem, sempre que possível, na natureza, tal como o Criador nos confiou.

Perguntemo-nos neste momento:
Olhamos nossos filhos nos olhos neste dia?
Ao conversar, sobre a trivialidade que seja, permitimos que nossos filhos se sentissem ouvidos, e que pudessem nos ouvir?

Fomos abraço em algum momento?
Erguemos nossos olhos aos céus para nos deixarmos iluminar pela luz do dia, gratos a Deus pela vida?

Reconhecemos o milagre que são essas crianças a quem chamamos filhos, que são mais do que sonhos, pois são partes insubstituíveis e únicas do projeto de Deus?

Estejamos atentos AGORA, pois a distração dos nossos tempos tem nos roubado o bem precioso que é o PRESENTE, tempo no qual se conjuga o verbo Educar.



**Maria Renata
de Freitas Adrião
D' Angelo**

Vice-diretora e coordenadora pedagógica no Instituto Educacional Imaculada-Campinas. Neuropsicopedagoga, especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e em Saúde Mental Escolar. Pedagoga, psicanalista e escritora.



Onde foi parar a nossa aldeia?

A solidão invisível de educar uma criança no século XXI

IECJ - Bragança Paulista

Na rotina intensa da escola, onde cada gesto, palavra e vínculo constroem as bases do desenvolvimento humano, uma constatação se tornou cada vez mais evidente: educar não é tarefa solitária. Foi a partir dessa percepção - nascida da observação atenta do cotidiano escolar e da escuta sensível às famílias - que surgiu o projeto *Laços que Educam: quando a escuta transforma relações e fortalece aprendizagens*, uma iniciativa articulada pela coordenação pedagógica, orientação educacional e assistência de comunicação e marketing da unidade.

Mais do que uma proposta pontual, o projeto nasceu como resposta a um cenário contemporâneo desafiador: relações atravessadas por ruídos de comunicação, especialmente em espaços informais, como grupos de mensagens, onde, muitas vezes, prevalecem interpretações fragmentadas, julgamentos precipitados e inseguranças coletivas.

Enquanto equipe, percebemos que muitas das inquietações não estavam nos fatos, mas na forma como eram comunicados e interpretados. Foi nesse ponto que entendemos: antes de ensinar, precisávamos escutar.

“A implementação deste projeto é de suma importância para essa fase escolar, sobretudo para estreitar os laços e melhorar a comunicação entre a escola e as famílias. Enquanto mãe me senti acolhida e tenho a certeza de que surgirão mudanças positivas para a rotina escolar”, relata uma mãe do Infantil I, que participou do primeiro encontro. *“Aqui, conseguimos falar, ouvir e entender melhor. Isso muda tudo”*, fala outra mãe do Infantil I.

Um projeto que nasce da escuta

O *Laços que Educam* não foi pensado apenas como uma ação formativa, mas como um espaço estruturado de encontro. Seu objetivo central é

fortalecer o vínculo entre escola e família por meio de uma cultura de escuta ativa, diálogo respeitoso e corresponsabilidade no processo educativo, melhorando a comunicação entre pais, alunos e educadores.

A proposta se organiza em encontros presenciais, em formato de roda de conversa, cuidadosamente estruturados para acolher, formar e escutar. Cada momento é pensado para garantir que as famílias não apenas recebam informações, mas também sejam protagonistas no diálogo.

A acolhida sensível abre o encontro, criando um ambiente de confiança. Em seguida, um momento formativo apresenta, de forma clara e acessível, as intencionalidades pedagógicas da Educação Infantil - muitas vezes pouco compreendidas pelas famílias. Por fim, a roda de escuta ativa se consolida como o coração do projeto: um espaço legítimo de fala, partilha e construção conjunta.

“Percebi que muitas angústias que eu tinha eram compartilhadas por outros pais. E, mais do que isso, entendi melhor o porquê de algumas práticas da escola”, comenta um pai do Maternal III. “Isso traz tranquilidade.”

Entre o afeto e a intencionalidade pedagógica

Fundamentado nos princípios da Base Nacional Comum Curricular e no Nosso Modo Próprio de Educar e Evangelizar na Escola, o projeto reconhece a criança como sujeito integral, que se desenvolve a partir das interações e das experiências vividas. Nesse contexto, a parceria entre escola e família deixa de ser complementar e passa a ser essencial.

A coerência entre as práticas educativas vivenciadas na escola e em casa favorece a segurança emocional da criança, fortalece seu sentimento de pertencimento e contribui diretamente para o desenvolvimento socioemocional.

Além disso, o projeto se ancora em abordagens contemporâneas como a escuta ativa, a comunicação não violenta e a mediação dialógica - pilares que sustentam relações mais saudáveis e construtivas.

Essa intencionalidade se traduz também na escolha dos temas abordados em cada encontro, cuidadosamente alinhados às necessidades de cada faixa etária: adaptação, limites com afeto, autonomia, mediação de conflitos, desenvolvimento da linguagem e preparação para novos desafios são alguns dos eixos trabalhados.

Um convite à mudança de cultura

Um dos aspectos mais significativos do *Laços que Educam* é seu caráter de espaço colaborativo não apenas para as famílias, mas para toda a comunidade educativa. Ao propor um espaço legítimo de diálogo, o projeto convida a uma mudança de cultura: sair de interações fragmentadas e, por vezes, desgastantes, para construir relações baseadas na confiança, na transparência e no respeito mútuo.

Durante a abertura do primeiro encontro, uma mensagem clara foi compartilhada com as famílias: a escola está disponível, aberta e comprometida com o diálogo direto. Mais do que evitar ruídos, essa escolha protege aquilo que é mais importante - o desenvolvimento das crianças.



Impactos que vão além dos encontros

Embora estruturado em encontros bimestrais, o *Laços que Educam* não se limita a esses momentos. Sua maior potência está na construção contínua de uma cultura de parceria. Aos poucos, percebe-se uma mudança no modo como as famílias se relacionam com a escola - e entre si.

Há mais abertura para o diálogo, maior compreensão das práticas pedagógicas e um fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade escolar. Para a equipe pedagógica, o projeto também se revela um importante instrumento de escuta institucional, permitindo identificar percepções, alinhar expectativas e aprimorar práticas.

Educar é um ato coletivo

Ao final de cada encontro, permanece uma certeza que ecoa nas falas, nos gestos e nos vínculos construídos: educar é um ato coletivo.

Quando família e escola caminham juntas, a criança encontra um ambiente mais seguro, coerente e afetivo para se desenvolver. E é nesse espaço de confiança que as aprendizagens mais significativas acontecem.

O *Laços que Educam* reafirma, assim, um princípio essencial da missão educativa: mais do que transmitir conhecimentos, educar é construir relações integrais, respeitadas e saudáveis. E relações se constroem com escuta, presença, diálogo e exemplo.

Se a solidão do século XXI ameaça dispersar a nossa aldeia, o *Laços que Educam* age como o fio que costura novas relações. Ao transformar o ruído em diálogo e o julgamento em empatia, o projeto nos lembra que a aldeia renasce onde quer que haja presença, escuta e o compromisso coletivo com a infância.

Referências Bibliográficas

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017.

ROSENBERG, MARSHALL B. **Comunicação Não Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

BOHM, DAVID. **Diálogo. Comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, HENRI. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Priscila Tassara Streapco

Musicoterapeuta. Especialista em Psicopedagogia. Educação Especial e Inclusiva e Gestão Escolar. Está como Coordenadora da Educação Infantil, 1º e 2º do EFAI do IECJ.

Lílian Cristina G. Romano de Lima

Pedagoga, pós-graduada em Teologia e Educação Especial e está como Orientadora Educacional da Educação Infantil, 1º e 2º do EFAI do IECJ.

Patrícia Tartari

Comunicadora Social e está responsável pela Comunicação e Marketing da unidade, contribuindo para o fortalecimento do diálogo institucional.

A importância da Contação de Histórias na Educação Infantil

É por meio das contações de histórias na Educação Infantil que conseguimos encantar, inspirar e desenvolver habilidades essenciais para a vida de nossas crianças.

Colégio Imaculada Mogi Mirim



Resumo: As contações de histórias na Educação Infantil encantam, inspiram e contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. Por meio da leitura e do reconto, elas ampliam o vocabulário, a criatividade, a imaginação e as habilidades socioemocionais. O educador assume papel fundamental como mediador, dando vida às histórias e despertando o interesse pelo universo literário. Ouvir histórias proporciona prazer, encantamento e amplia as possibilidades de compreensão do mundo. As narrativas também favorecem o desenvolvimento da empatia, do autocontrole, do respeito e da reflexão sobre as próprias ações. Histórias que abordam coragem, amizade e superação contribuem para a formação de crianças mais sensíveis, críticas e de pequenos e grandes leitores.

Palavras-Chaves: Educação Infantil, Contação de histórias e Literatura.

É por meio das contações de histórias na Educação Infantil que conseguimos encantar, inspirar e desenvolver habilidades essenciais para a vida de nossas crianças. A leitura e o reconto permitem que os pequenos imaginem, reflitam, expressem sentimentos e deem novos significados às histórias ouvidas. Essas práticas favorecem não apenas o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, como a ampliação do vocabulário, a oralidade e a compreensão, mas também estimulam o senso crítico, a criatividade e as habilidades socioemocionais, como a empatia, o respeito e a cooperação. Dessa forma, contribuimos para a formação de crianças mais sensíveis, participativas e de futuros grandes leitores.

Fundamentação teórica

Falar sobre a leitura em nosso século é um grande desafio, pois as tecnologias surgem como fortes concorrentes na disputa pela atenção das crianças, tornando o despertar pelo interesse da leitura uma tarefa cada vez mais complexa. No entanto, quando utilizadas de maneira assertiva e intencional, as tecnologias podem se tornar grandes aliadas no incentivo à formação de leitores. Ao unir as contações de histórias aos recursos tecnológicos, as narrativas



Falar sobre a leitura em nosso século é um grande desafio, pois as tecnologias surgem como fortes concorrentes na disputa pela atenção das crianças, tornando o despertar pelo interesse da leitura uma tarefa cada vez mais complexa.”

ganham novos elementos, como sons, imagens, personagens animados e interatividade, despertando a curiosidade e o encantamento das crianças. Dessa forma, a tecnologia deixa de ser uma concorrente e passa a ser uma ferramenta que potencializa o prazer pela leitura, criando novas possibilidades de aprendizagem e aproximando nossos pequenos leitores do universo literário. E o grande protagonista dessas contações de histórias é o educador. É ele quem seleciona os temas, escolhe as histórias e lhes dá vida por meio de sua voz, expressões, gestos e intencionalidade pedagógica. O professor é o mediador entre a criança e o universo literário, transformando cada narrativa em uma experiência de encantamento, descoberta e aprendizagem. É por meio de sua sensibilidade e criatividade que a magia da literatura desperta, envolve e encanta as crianças, despertando a imaginação, a curiosidade e o prazer pela leitura desde os primeiros anos de vida.

De acordo com Abramovich (1999), do ponto de vista do ouvinte, a história deve despertar a curiosidade, a imaginação de quem a escuta. No caso das crianças, ouvir histórias aguça a sua criatividade e a leva a um caminho infinito de descoberta e compreensão do mundo. A autora ainda escreve que ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (ABRAMOVICH, 1999, p.24)

É na prática que a magia acontece, uma das histórias contadas, foi a do Dino Samuel de Marina Bastos, um dinossauro esperto que não sabia rugir. Com a ajuda de seus amigos e muita determinação, ele enfrentou seus medos e embarcou em uma jornada de descobertas até encontrar a sua própria voz, conseguindo, enfim, rugir como um verdadeiro dinossauro. Trata-se de uma narrativa rica em aprendizagens, que aborda importantes habilidades socioemocionais, como a empatia, a coragem, a

determinação, o enfrentamento dos medos, além de sentimentos como tristeza e alegria. Por meio da trajetória de Dino Samuel, as crianças são convidadas a refletir sobre seus próprios desafios, compreender a importância do apoio dos amigos e perceber que cada um possui seu tempo e suas potencialidades, desenvolvendo a confiança em si mesmas e a valorização das diferenças. Assim, contribuímos para a formação de pequenos e grandes leitores desde a infância, cultivando o amor pelos livros e pela literatura.

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, e perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião.... [...]. (ABRAMOVICH, 1999, p. 143)

Considerações finais

Falar sobre habilidades socioemocionais na Educação Infantil é falar sobre o essencial para a formação integral da criança. Por meio das contações de histórias, conseguimos nomear sentimentos, identificar emoções, descrever ações e comportamentos e ensinar estratégias de manejo emocional. As narrativas possibilitam que as crianças



Contação da história Dino Samuel, de Marina Bastos, realizada no Colégio Imaculada Conceição.



Contação da história Dino Samuel, de Marina Bastos, realizada no Colégio Imaculada Conceição, com a participação das crianças nas atividades de interação literária. (2025 e 2026)

compreendam suas emoções e as dos outros, desenvolvendo a empatia, o autocontrole, o respeito e a capacidade de resolver conflitos de maneira mais saudável.

Além disso, as histórias oferecem oportunidades para refletir sobre comportamentos inadequados, pensar nas consequências de suas ações e construir atitudes mais conscientes diante do outro e do meio em que vivem. Dessa forma, a literatura infantil torna-se uma importante ferramenta pedagógica, capaz de acolher, orientar e promover o desenvolvimento socioemocional, contribuindo para a formação de crianças mais sensíveis, responsáveis e preparadas para conviver em sociedade.

Carla Cristina Nogueira



Pedagoga, neuropsicopedagoga, especialista em Educação Infantil e educadora socioemocional. Atua como professora de Educação Infantil no Colégio Imaculada Conceição, em Mogi Mirim (SP), desenvolvendo práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento integral da criança, à formação de leitores e à promoção das habilidades socioemocionais na primeira infância.

Thaís Cristina Camilo



Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Lúdico e Psicomotricidade na Educação Infantil. Atua como Auxiliar de Classe na Educação Infantil do Colégio Imaculada Conceição, em Mogi Mirim (SP), desenvolvendo atividades de apoio às práticas pedagógicas e ao cuidado das crianças na primeira infância.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, FANNY. **Literatura Infantil: Gosturas e Bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394compilado.htm. Acesso em: 14 jun. 2026.

VYGOTSKY, LEV SEMIONOVICH. **A Imaginação e a Arte na Infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, REGINA. **A Literatura Infantil na Escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 jun. 2026.

OPENAI. CHATGPT (modelo GPT-5.5). **[modelo de linguagem]**. Disponível em: <https://chatgpt.com/>. Acesso em: 14 jun. 2026. Este trabalho utilizou o ChatGPT (OpenAI) como ferramenta de apoio para revisão textual, organização de ideias e adequação da escrita acadêmica, sendo todo o conteúdo analisado, revisado e validado pela autora.



Novos Mapas de Esperança: mediação e pedagogia do cuidado em resposta à judicialização escolar

IECJ - Bragança Paulista

Resumo: este artigo analisa o fenômeno da judicialização nas relações escolares e propõe a Pedagogia do Cuidado e a Gestão Democrática como alternativas para a pacificação do ambiente educativo. Fundamentado no documento 'Nosso Modo Próprio de Educar', da Rede Filhas de Jesus, e no Pacto Educativo Global, o texto discute a relevância da escuta qualificada, da mediação pastoral e da Inteligência Espiritual. Tais conceitos são apresentados como ferramentas capazes de converter conflitos em oportunidades formativas, preservando a missão evangelizadora da instituição diante do crescente cenário de litígios jurídicos.

O cenário educacional contemporâneo enfrenta um fenômeno crescente e preocupante: a judicialização das relações escolares. Dados do relatório Justiça em

Números (CNJ, 2024) revelam que o Brasil atingiu a marca histórica de 35 milhões de novos processos em um único ano, evidenciando uma "epidemia de judicialização" que invade as salas de aula e transforma o ambiente de aprendizagem em um campo de litígios.

Nesse contexto, a gestão escolar vê-se frequentemente compelida a recorrer à assessoria jurídica para mediar conflitos que, em sua essência, são pedagógicos e deveriam ser resolvidos no campo educativo. Esse movimento reforça a urgência de fortalecer práticas internas de mediação, pois a escola, quando reduzida a uma "prestadora de serviços" e a família a um "cliente", perde sua função primordial, resultando no que Cury (2017) denomina como uma "crise do encontro".

Para a Rede Filhas de Jesus, a resposta a esse esgarçamento social reside na Pedagogia do Cuidado, um antídoto estratégico e espiritual para a pacificação do ambiente educativo. O Nosso Modo Próprio de Educar (NMPE) oferece o fundamento para essa transformação através do conceito de personalização. Ao afirmar que a educação deve ser "adaptada às possibilidades, qualidades e necessidades de quem recebe" (NMPE, 111), o documento não propõe apenas uma técnica de ensino, mas estabelece a base para uma gestão humanizada.

Essa postura converge diretamente com o Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco, que recordou, *"educar é sempre um ato de esperança que convida à cooperação transformadora da paralisia e do egoísmo em um novo paradigma de cuidado"*. Ao abraçarmos essa aliança, a gestão escolar deixa de ser um mero posto de aplicação de normas para tornar-se uma instância de mediação pastoral, capaz de restaurar o tecido social que o direito, isoladamente, não consegue curar.

Considerando que o aumento de 50% nas denúncias de violência escolar em 2023 (MDHC) reflete, muitas vezes, expressões de necessidades não atendidas (Rosenberg, 2006), a resposta institucional deve ser firme na substituição da cultura do processo pela cultura do encontro. Humanizar a gestão e fortalecer os canais internos de comunicação são ações fundamentais para preservar a escola como um território sagrado.

A gestão democrática e a pedagogia do cuidado

A gestão democrática e a pedagogia do cuidado caminham juntas como pilares fundamentais para a construção de uma escola que educa não apenas para o conhecimento, mas para a vida em comunidade. Isso pressupõe participação, corresponsabilidade e

“A equipe educativa é chamada a promover espaços de escuta qualificada, mediação de conflitos e orientação formativa, ajudando o adolescente a refletir sobre as consequências de suas escolhas e a desenvolver responsabilidade.”



transparência. Ela se concretiza quando todos os sujeitos da comunidade escolar: educadores, estudantes, famílias e equipe gestora têm voz e são convidados a contribuir nos processos de decisão.

Segundo Lück (2009), a gestão democrática vai além da partilha do poder; ela é a prática da corresponsabilidade. Quando os sujeitos sentem-se parte da construção da escola, o nível de litigiosidade diminui drasticamente. Esse modelo rompe com práticas autoritárias e fortalece vínculos, criando um ambiente de confiança mútua e é aí que está o grande desafio: a atuação de profissionais que foram formados sob paradigmas autoritários e que, por essa razão, tendem a interpretar práticas participativas como sinais de fragilidade na condução institucional, associando-as a ideias de permissividade ou ausência de firmeza. Paralelamente, observa-se a presença de famílias que demonstram resistência diante da aplicação de medidas educativas decorrentes de condutas inadequadas no ambiente escolar, buscando, por vezes, resguardar os estudantes de experiências de frustração que são parte do processo formativo.

Esse desafio se intensifica no trabalho com adolescentes, etapa marcada por processos de afirmação da identidade, questionamento de normas e maior sensibilidade às relações de pertencimento. No cotidiano escolar, isso se manifesta, por exemplo, em



Mapas de Esperança: o e pedagogia do cuidado em ta à judicialização escolar

situações de indisciplina, uso inadequado de tecnologias, conflitos interpessoais ou resistência às orientações institucionais.

Nesses casos, a pedagogia do cuidado convida a escola a ir além de uma resposta meramente punitiva, buscando compreender as razões que estão por trás das atitudes dos estudantes. Isso implica reconhecer que determinados comportamentos frequentemente expressam necessidades não verbalizadas, como busca por pertencimento, dificuldades emocionais, inseguranças próprias da fase ou até carências no acompanhamento familiar.

Assim, em vez de condutas exclusivamente sancionatórias, a equipe educativa é chamada a promover espaços de escuta qualificada, mediação de conflitos e orientação formativa, ajudando o adolescente a refletir sobre as consequências de suas escolhas e a desenvolver responsabilidade. Ao mesmo tempo, torna-se essencial o diálogo constante com as famílias, alinhando expectativas e fortalecendo a corresponsabilidade no processo educativo.

Quanto à judicialização da educação por parte das famílias, esse cenário não se resolve apenas com “contenção” de conflitos, ele exige organização institucional, clareza de processos e uma postura relacional coerente. Quando as famílias recorrem com

frequência à judicialização, em geral, há uma combinação de fatores: falhas de comunicação, expectativas desalinhadas, insegurança quanto aos critérios da escola ou sensação de não terem sido ouvidas.

O manejo, portanto, passa por algumas frentes complementares. Em primeiro lugar, a prevenção. É fundamental que a escola tenha normas claras, divulgadas e coerentemente aplicadas. Regimento Interno e Proposta Pedagógica Pastoral precisam ser conhecidos pelas famílias desde o ingresso, evitando interpretações equivocadas.

Em segundo lugar, a comunicação assertiva e contínua. Muitas situações escalam porque o diálogo acontece apenas no momento do conflito. Investir em canais permanentes de escuta, reuniões formativas e devolutivas consistentes reduz ruídos e fortalece a confiança. Famílias que se sentem consideradas tendem a buscar menos as vias externas.

Outro ponto essencial é o registro e a formalização. Toda ocorrência relevante deve ser documentada com objetividade e cuidado, incluindo as medidas adotadas e as orientações dadas. Isso não apenas protege a instituição, mas também demonstra seriedade e transparência no acompanhamento dos casos.

A integração entre compliance (comportamento ético) e práticas restaurativas permite que a escola atue com “firmeza ética”: os processos são padronizados e justos (compliance), mas a aplicação das medidas mantém o foco na restauração do vínculo e no crescimento do estudante (pedagogia do cuidado). Essa sinergia demonstra à comunidade educativa que a instituição possui um caminho sério, técnico e humanizado para a resolução de impasses. Ao sustentar uma postura de autoridade equilibrada, a escola evita que conflitos pedagógicos escalem para os tribunais, garantindo que o rigor da norma atue sempre em favor da integridade da pessoa e da preservação da missão evangelizadora.

A escola precisa sustentar uma postura de autoridade educativa equilibrada: firme na aplicação de princípios e normas, mas sempre aberta ao diálogo. Evitar a

judicialização não significa ceder a pressões indevidas, e sim demonstrar que há um caminho institucional sério, ético e consistente para a resolução de conflitos. Deixar isso evidente para a comunidade educativa é essencial para evitar comentários como: “não puniram como deveriam, fazem o que a família quer”.

Quando a gestão democrática e a pedagogia do cuidado são vividas de forma concreta, a tendência é que a escola deixe de ser percebida como um espaço de disputa e passe a ser reconhecida como uma comunidade educativa comprometida com o desenvolvimento integral, o que já reduz significativamente a busca por soluções judiciais.

A pedagogia do cuidado funciona como a “jurisprudência” interna que norteia as decisões. Cuidar não é ser permissivo, mas garantir que o rigor da norma nunca atropela a dignidade da pessoa. Santa Cândida Maria de Jesus ensinou que é preciso “educar com ternura e vigor”. Transposto para a gestão, isso significa adotar a escuta ativa qualificada.

Quando a gestão democrática é vivida à luz da pedagogia do cuidado, a escola se torna um espaço

de mediação e não de enfrentamento. Muitos conflitos que poderiam evoluir para processos de judicialização são, nesse ambiente, tratados de forma preventiva, restaurativa e humanizada. O diálogo aberto com as famílias, a escuta atenta dos estudantes e a clareza nas normas e nos valores institucionais contribuem para reduzir tensões e mal-entendidos; parte-se da compreensão de que, apesar das falhas e dos equívocos, há, em todos, o desejo de serem tratados com dignidade, respeito e justiça.

Evitar a judicialização não significa negligenciar direitos ou ignorar problemas, mas, sim, fortalecer práticas que priorizam a resolução ética e responsável das situações. A escola que cuida e dialoga cria pontes, não muros, e testemunha sua missão (educativa e evangelizadora), formando sujeitos conscientes com o bem comum.

Estratégias de pacificação: a Pastoral como eixo gestor

Em uma escola católica, a ação pastoral não se restringe a momentos celebrativos ou atividades pontuais de espiritualidade; ela se configura como uma dimensão transversal da gestão educativa,



orientando práticas, decisões e relações. Ao assumir o papel de eixo gestor, a Pastoral articula as dimensões institucional, pedagógica e relacional, oferecendo referenciais éticos que qualificam a tomada de decisão.

Nesse cenário, emerge o conceito de Inteligência Espiritual (IE) como uma ferramenta indispensável para a gestão contemporânea. Diferente da inteligência emocional, a IE permite ao gestor encontrar sentido e propósito nas adversidades, agindo com sabedoria e transcendência diante das pressões cotidianas.

Conforme aponta o Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica, a Inteligência Espiritual na gestão abre horizontes para que o cuidado com o outro seja percebido como uma via de encontro com o Sagrado. Para que essa humanização se converta em cultura institucional e estratégia de pacificação, ela deve se manifestar em ações práticas e estruturantes:

Comitês de Mediação e Comunicação Não-Violenta (CNV): a implementação de espaços em que a Pastoral e a Direção atuem conjuntamente no acolhimento de famílias em crise é vital. Utilizando as técnicas de Rosenberg (2006), o foco desloca-se do julgamento para a identificação de necessidades não atendidas, transformando o potencial litígio em diálogo formativo.

O Pacto Educativo e o Vínculo de Valores: em sintonia com a Congregação para a Educação Católica (2017), é necessário um pacto que coloque a pessoa no centro do processo. Ao transformar o ato da matrícula em um compromisso de valores compartilhados, a escola deixa de ser percebida como uma "prestadora de serviços" e reafirma-se como comunidade de vida, reduzindo a percepção de inimizade jurídica.

Formação de Lideranças com Inteligência Espiritual: gestores que cultivam a inteligência espiritual compreendem que o acolhimento não é uma concessão, mas uma ferramenta de gestão preventiva. Essa postura evita o desgaste emocional e financeiro dos tribunais.

Dessa forma, a Pastoral torna-se o instrumento estratégico que assegura a unidade da comunidade educativa. Ao integrar a técnica jurídica à sensibilidade espiritual, a escola católica não apenas soluciona impasses, mas testemunha sua missão evangelizadora, provando que a gestão humanizada é o caminho mais seguro para a pacificação do ambiente escolar e a preservação do espaço pedagógico como território de esperança.

Considerações finais

A construção de uma gestão democrática alicerçada na pedagogia do cuidado exige da escola um compromisso permanente com o diálogo, a escuta qualificada e a delicadeza nas relações. Trata-se de compreender que educar é, antes de tudo, um exercício de humanização, no qual a firmeza de princípios não se opõe à sensibilidade no trato, mas se complementa harmonicamente com ela. O diálogo, longe de ser um recurso secundário, constitui-se como o fundamento das relações institucionais, inspirando práticas mais justas e restaurativas que respondem aos anseios da sociedade contemporânea.

Cabe recordar que essa valorização da escuta não é exclusiva do campo educativo; ela se faz presente no próprio Direito Contemporâneo, que hoje prioriza métodos consensuais de resolução de conflitos. Se a esfera jurídica reconhece a eficácia da mediação, com maior força ela deve orientar o cotidiano escolar, cujo propósito é essencialmente formativo. A escola que educa com cuidado e responsabilidade não apenas evita a escalada de litígios, mas testemunha sua vocação mais profunda: formar sujeitos capazes de convivência e construção coletiva do bem comum.

Nesse sentido, a gestão democrática e pastoralmente orientada exige dos líderes clareza de princípios, maturidade institucional e uma sólida firmeza ética diante de pressões que buscam reduzir a escola a um conjunto de ações estritamente punitivas. É necessário resistir a retrocessos autoritários que não dialogam com as demandas de formação humana. Humanizar a gestão escolar é, portanto, um ato de resistência ética e um exercício de Inteligência Espiritual, que nos permite ler o conflito não como

uma ameaça, mas como um chamado ao discernimento.

Ao considerarmos a pedagogia do cuidado no centro, oferecemos uma resposta concreta à crise das relações. A pacificação não nasce da ausência de tensões, mas da forma evangélica como as enfrentamos. Ao projetarmos novos mapas de esperança para a educação católica, somos guiados pela inspiração de promover uma "educação desarmada e desarmante", conforme norteia a Carta Apostólica do Papa Leão XIV (Desenhar Novos Mapas de Esperança).

Esse horizonte nos convoca a derrubar os muros do antagonismo jurídico para construir as pontes da fraternidade, oferecendo a força da acolhida onde o mundo espera apenas o rigor da lei.

Ao agir com justiça e sob a luz desse compromisso, a Rede Filhas de Jesus é reflexo dessa esperança audaciosa: uma presença que acolhe, protege e promove a vida, garantindo que o território escolar permaneça, acima de tudo, como o lugar sagrado do encontro.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL. **Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica. 1. ed.** Petrópolis: Vozes, 2021.

BRASIL. **Justiça em Números 2024 (ano-base 2023).** Brasília: Conselho Nacional de Justiça (CNJ), 2024.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar para o diálogo humanista solidário.** Vaticano, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Vade-mécum do Pacto Educativo Global.** Brasília: Edições CNBB, 2022.

CURY, AUGUSTO. **A educação e a crise do pensamento.** São Paulo: Planeta, 2017.

FILHAS DE JESUS. **Nosso Modo Próprio de Educar.** Tradução de Luiza Amaral, F.I. Belo Horizonte, 1994.

LEÃO XIV, PAPA. **Carta Apostólica "Desenhando novos mapas de esperança":** por ocasião do 60º aniversário da Declaração Conciliar Gravissimum Educationis. Vaticano, 27 out. 2025.

LÜCK, HELOÍSA. **A gestão democrática da escola.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA (MDHC). **Relatório de Violência nas Escolas - Disque 100.** Brasília: Governo Federal, 2023.

PRANIS, KAY. **Processos Circulares:** teoria e prática. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, MARSHALL B. **Comunicação não-violenta.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

**Marília
Carlota
Barreto**



Diretora do Instituto Educacional Coração de Jesus (IECJ).
Pós-graduada em Teologia; Pedagoga; Licenciada em
Letras e acadêmica do curso de Direito.

**Douglas
Camargo**



Vice-diretor do Instituto Educacional Coração de
Jesus (IECJ), Me. Filosofia; Teólogo; Psicopedagogo;
Especialista em Gestão Escolar e Coordenação
Pedagógica e acadêmico do curso de Direito.

A Geografia do Abrigo: Interdisciplinaridade e Justiça Social no Estudo da Moradia e do Refúgio

O Espaço Geográfico como Lugar da Dignidade

Imaculada - Campinas



Resumo

Este trabalho apresenta o relato de experiência pedagógica realizada com turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, integrando os objetivos da Campanha da Fraternidade - "Fraternidade e Moradia" - aos conteúdos de Geografia e à atuação da Pastoral Escolar. A partir da análise dos fluxos migratórios e da condição de vida de refugiados, os alunos discutiram o direito à moradia digna como pilar da dignidade humana. A culminância do projeto deu-se através da produção de mídias (jornal e podcast), promovendo o protagonismo estudantil e a empatia social.

1) Introdução: o Espaço Geográfico como Lugar da Dignidade

A moradia não é apenas uma estrutura física; é, do ponto de vista geográfico e social, o lugar da reprodução da vida e da cidadania. Dessa forma, este espaço representa um lugar onde o indivíduo habita, cria vínculos e aloja seus familiares, executando seus atos de vida civil. (CARDOSO e SANJUAN, 2019, pág. 153).

No contexto da Campanha da Fraternidade, o lema "Ele veio morar entre nós" (Jo 1,14) convoca a

comunidade educativa a olhar para a habitação como um direito humano sagrado e frequentemente negligenciado.

No Brasil, o déficit habitacional e a precariedade das moradias refletem desigualdades estruturais. A questão de moradias adequadas são ainda mais graves em grandes cidades como Campinas-SP, exacerbando as vulnerabilidades de refugiados, que afetam diretamente a capacidade dessa parcela populacional de encontrar emprego, acessar serviços de saúde e garantir a educação para seus filhos (GORISCH, 2023). Quando transpomos essa realidade para a escala global, a situação dos refugiados emerge como um dos maiores desafios geopolíticos da atualidade.

2) Fundamentação teórica: o Direito à Moradia no Século XXI

A moradia é reconhecida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigo 25 de 1948) e pela Constituição Brasileira como um direito fundamental, essencial para a dignidade da pessoa humana, sendo a União, estados e municípios obrigados a promover programas de construção de moradias e melhorar as condições habitacionais (Constituição Federal de 1988, artigo 6º).

Contudo, a Geografia revela que o espaço pode ser produzido de forma excludente. Para Milton Santos (1996), o espaço geográfico nunca foi apenas o cenário onde a vida acontece, mas o resultado direto de decisões políticas e econômicas.

3) Desenvolvimento Pedagógico: da Análise à Prática

O projeto com os alunos do 8º ano seguiu um percurso metodológico de três etapas:

“A produção dos alunos revelou uma compreensão profunda de que a moradia é o nó central de diversos outros direitos: saúde, segurança e educação.”

A) O Levantamento Geográfico

Nas aulas de Geografia, foram realizados levantamentos sobre os principais fluxos de refugiados contemporâneos. Os alunos investigaram: As causas dos deslocamentos (conflitos, crises climáticas e econômicas).

As condições de recepção nos países de destino.

A infraestrutura das moradias temporárias e os obstáculos à integração urbana.

B) A Interlocução com a Pastoral

O Setor de Pastoral da escola atuou como elo de sensibilização, trazendo a reflexão sobre a Justiça Social, a partir do tema da Campanha da Fraternidade. Essa abordagem revela um traço caracterizador não só da Pastoral Escolar, mas de toda a missão das Filhas de Jesus. Como o Nosso Modo Próprio de Educar (NMPE) apresenta, a comunidade educativa deve ser “conhecedora das situações, necessidades e problemas que incidem na sua tarefa”. (NMPE, nº 129). Ou seja, há uma necessidade latente por contextualizar a vida e o mundo, para que alunos, educadores e famílias compreendam as complexidades da realidade e possam ser empáticos para com as pessoas que as vivem.

Nesse sentido, a Pastoral Escolar surge como instrumento para o exercício da plena interdisciplinaridade, respaldando o pedagógico à luz da experiência evangélica. O Papa Leão XIV, em sua carta apostólica *Traçar novos mapas de esperança*, afirma que, mais do que atualizações técnicas, “é preciso guardar um coração que escuta, um olhar que encoraja, uma inteligência que discerne”. (n. 5.2) na conjuntura educativa. Esses elementos próprios do modo cristão de enxergar o mundo são contributos sociais, espirituais e pedagógicos essenciais para a dinâmica de contextualizar a vida e refletir os dilemas do mundo contemporâneo.

De toda essa realidade, surge o conceito de pastoralidade, que permeia toda a ação pedagógico-pastoral das Filhas de Jesus. Não se trata de um termo para designar um setor, grupo de pessoas ou um

apanhado de ações religiosas isoladas, mas um modo próprio de ser e de se estar na escola. Segundo o Nosso Modo Próprio de Evangelizar na Escola, documento institucional que reflete a pastoralidade nos colégios da Rede Filhas de Jesus, “a pastoralidade educativa que realizamos é o modo concreto como respondemos hoje ao mandato de Jesus”. (Nosso Modo próprio de evangelizar na Escola, p. 03)

Portanto, o ato de evangelizar, que é próprio de uma entidade confessional católica, passa a ser um compromisso ético e pedagógico assumido e destrinchado por toda a comunidade educativa, pois há uma adesão institucional para isso. Desse movimento, surge a consolidação da identidade cristã, que se dá no testemunho qualificado e na maturidade da fé, gerando profecia: reflexões mais humanas para cenários que desumanizam e desacreditam a humanidade de alguns.

Diante disso, a Campanha da Fraternidade entra no escopo da pastoralidade como caminho optado pela Igreja para “humanizar” mais a nossa sociedade. E como escola católica, esse compromisso precisa começar em sala de aula, com projetos, iniciativas e metodologias que façam a conexão entre o tema da Campanha da Fraternidade e o conteúdo programático das disciplinas.

Obviamente, esse cenário é desafiador, com muitas ressalvas e complexidades. Contudo, ele não é opcional. É uma exigência da Rede Filhas de Jesus, que como parte da Igreja, precisa caminhar conjuntamente com o Corpo Místico de Cristo, que clama em 2026 por mais moradia e, consequentemente, dignidade para aqueles que não as possuem. A interdisciplinaridade, alinhada à pastoralidade, se torna o grande trunfo pedagógico-pastoral para se pensar a Campanha da Fraternidade e outros assuntos em comum. A dinâmica da pastoralidade, dentro da visão pastoral das Filhas de Jesus, permite que o educador, em sala de aula e fora dela, tenha recursos que se alinhem aos seus conhecimentos técnicos e acadêmicos, para conscientizar e formar pessoas com visão cristã de mundo.

A Pastoralidade, no Colégio Imaculada em Campinas,

se traduz em diversas iniciativas. Na Geografia, por exemplo, ela aconteceu de maneira orgânica por meio de uma formação inicial no início da Quaresma, em que o tema da Campanha da Fraternidade foi traduzido para o cenário pedagógico, dando respaldo para que o professor o transpusesse para as suas ações em sala de aula.

Esse movimento aconteceu espontaneamente, pois a Campanha da Fraternidade não foi apresentada como um tema meramente religioso, mas como uma dimensão do conhecimento inerente ao contexto do mundo em que vivemos. Disso, surge a dimensão evangelizadora, pois “o amor a Deus é inseparável do amor ao irmão”. (Texto-base da Campanha da Fraternidade 2026, n. 137). Não podemos falar sobre Deus em nossas escolas, sem apresentar as injustiças sociais que acometem aqueles a quem Deus tanto ama.

O processo de conscientização social cristã passa, justamente, pelo horizonte da fraternidade, em que as pessoas se reconhecem irmãos e irmãs, em Jesus. E o educador, em sala de aula, com o seu conteúdo, com a metodologia adequada e em consonância com o anseio por transformação, pode favorecer a formação dessa consciência, que é integralmente humano-cristã.

C) Protagonismo: jornal e Podcast

A transposição do conhecimento acadêmico para linguagens comunicativas permitiu que os estudantes sintetizassem suas descobertas através de:

Jornal: focado na sistematização de dados, mapas e levantamentos estatísticos, como visto no exemplo abaixo.

Podcast: um exercício de alteridade, onde a narrativa oral trouxe emoção e análise crítica sobre os grandes problemas atuais das moradias transfronteiriças.

“O processo de conscientização social cristã passa, justamente, pelo horizonte da fraternidade, em que as pessoas se reconhecem irmãos e irmãs, em Jesus.”

4) Resultados e Reflexões: a Escola como Espaço de Transformação

A produção dos alunos revelou uma compreensão profunda de que a moradia é o nó central de diversos outros direitos: saúde, segurança e educação. Ao relacionar a teologia da encarnação ("Ele veio morar") com a geografia das migrações, os alunos perceberam que o descaso com a habitação é uma forma de violência estrutural.

5) Conclusão

Trabalhar o tema "*Fraternidade e Moradia*" através da Geografia e da Pastoral permite que a escola cumpra sua função social de formar cidadãos globais. A educação, quando interdisciplinar, deixa de ser mera transmissão de conteúdo para se tornar um instrumento de denúncia e esperança. Concluimos que a moradia digna é, antes de tudo, uma questão de justiça social e um pré-requisito para que a fraternidade se concretize no território.

Referências Bibliográficas

ACNUR (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS). **Relatórios de Tendências Globais**.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Texto-Base da Campanha da Fraternidade**.

CARDOSO, HENRIQUE RIBEIRO; SANJUAN, PEDRO ERNESTO CELESTINO PASCOAL. **O déficit habitacional no Brasil**: a relevância dos instrumentos privados na implementação de políticas públicas de moradia. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, v. 8, n. 78 p. 152-177, maio 2019.

GORISCH, PATRÍCIA. **Entre o Desabrigo e a Desintegração**: como a Falta de Moradia Afeta Famílias Refugiadas. IBDFAM, 15 set. 2023. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos/2040/Entre+o+De+sabrigo+e+a+Desintegra%C3%A7%C3%A3o%3A+Como+a+Falta+de+Moradia+Afeta+Fa>

m%C3%ADas+Refugiadas. Acesso em: 10 de maio de 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/special-procedures/sr-housing/human-right-adequate-housing>. Acesso em 12 de maio de 2026.

PAPA LEÃO XIV. **Traçar novos mapas de esperança**: carta apostólica por ocasião do LX aniversário da Declaração Conciliar Gravissimum Educationis. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2025. Disponível em: Vatican.va. Acesso em: 8 jun. 2026.

REDE FILHAS DE JESUS. **Nosso Modo Próprio de Educar**. Roma 1994.

REDE FILHAS DE JESUS. **Nosso Modo Próprio de Evangelizar na Escola**: plano institucional de pastoralidade da Rede Filhas de Jesus. 2026.

SANTOS, MILTON. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 1996.

Edson Antonio Mengatto Junior



Formado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre e doutor em Análise Ambiental e Dinâmica Territorial pela mesma universidade.

Lucas Costa Lemos



Coordenador de Pastoral do IEL Campinas. Formado em Teologia pela PUC-SP. Especialista nas áreas de Teologia Contemporânea, Educação Socioemocional e Projeto de Vida e Ensino Religioso Escolar. Graduando em Ciências Sociais pela USP.

Escola viva

Projetos que transformam o contraturno em espaço de pertencimento e protagonismo

IECJ - Bragança Paulista

Resumo: Esta matéria apresenta a implantação de projetos no contraturno escolar como estratégia de ampliação das experiências formativas dos estudantes, promovendo engajamento, protagonismo e pertencimento. A iniciativa teve sua fase de pesquisa em 2025 e foi implementada em 2026, com foco nas áreas de Matemática e Linguagens. Os resultados iniciais indicam a ressignificação do contraturno como um espaço ativo de aprendizagem, convivência e expressão.

Uma escola mais viva e participativa

A escola contemporânea enfrenta o desafio de ir além da transmissão de conteúdos, assumindo o compromisso com uma formação integral que considere o estudante em suas dimensões cognitivas, sociais e emocionais. Com esse olhar, surge a proposta de projetos no contraturno escolar, com o objetivo de ampliar as oportunidades de aprendizagem e fortalecer o vínculo dos estudantes com a escola.

Segundo a equipe gestora envolvida na iniciativa, o foco está em tornar o estudante protagonista do próprio processo formativo: “A escola precisa ser um

espaço onde o aluno se reconheça, participe e se sinta parte ativa do processo. O contraturno é uma oportunidade potente para isso” (COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, 2026). A proposta teve início em 2025, com um período de estudo e análise de experiências em outras instituições, resultando em um projeto piloto implementado no início de 2026.

Da experiência à implementação

Para a construção da proposta, a equipe realizou uma visita técnica a uma escola em São José dos Campos, onde projetos semelhantes já estavam consolidados. A experiência contribuiu para a adaptação das ações à realidade institucional. Roberta, professora de Linguagens, destaca a mudança de perspectiva proporcionada pela vivência: “Foi um momento importante para perceber que o contraturno pode ser mais do que reforço: ele pode ser criação, protagonismo e descoberta” (OLIVEIRA, 2026).

Matemática: desafio e aprendizagem colaborativa

Na área de Matemática, destacam-se o Projeto Pi e a Monitoria entre alunos. O Projeto Pi oferece aos estudantes oportunidades de aprofundamento por meio de desafios matemáticos e atividades investigativas. “Aqui a gente aprende se divertindo. A gente precisa pensar, testar ideias e descobrir caminhos diferentes para resolver um problema, os

exercícios são legais e difíceis na medida certa”, relata Bernardo Romagnoli, aluno participante (2026). Já a monitoria entre alunos promove a aprendizagem colaborativa, em que estudantes auxiliam colegas de outras turmas, fortalecendo competências socioemocionais, como empatia e liderança.

“Aqui a gente aprende se divertindo. A gente precisa pensar, testar ideias e descobrir caminhos diferentes para resolver um problema, os exercícios são legais e difíceis na medida certa.”

Linguagens e educomunicação: voz estudantil

Na área de Linguagens, o destaque é a criação de um ambiente em que a educação caminhe lado a lado com a comunicação, trazendo reflexões e práticas educacionais aos alunos sobre a importância de desenvolver habilidades na prática. Para isso, algumas ações foram tomadas, a primeira delas foi a criação de uma rádio escolar, a “Rádio IECJ - a voz que conecta a nossa escola”, uma cabine dedicada à criatividade e expressão. *“A rádio me ajudou a me comunicar melhor. Gosto muito de falar e consegui melhorar até mesmo a minha escrita. Minhas redações estão melhores também”,* destaca a aluna Lívia Mazzoco, do 6º ano. Foi inaugurada também a TV IECJ News, com um totem estrategicamente posicionado em que matérias produzidas pelos alunos do projeto são transmitidas semanalmente ao público interno. *“No começo eu tinha insegurança em organizar o que ia falar na TV e agora percebo que a*

minha comunicação ficou mais madura. É muito legal participar!”, afirma a aluna Izadora Arra Almeida, do 6º ano. Além disso, os alunos experimentam a produção de comunicações impressas que são divulgadas nos jornais dos murais da escola e participam de ações estratégicas de comunicação para o público interno da escola, o que gera engajamento e interesse em aprofundar os conteúdos. *“Eu aprendi que existem várias formas de gente se comunicar e que, para cada momento, você pode utilizar um tipo de recurso”,* reforça Rafael Bueno, do 8º ano. *“O aluno participa de todo o processo, desde a escolha das pautas até as sugestões de edição dos conteúdos, ações de marketing e engajamento, o que faz com que o projeto se torne um grande laboratório de comunicação da nossa escola”,* afirma a professora Roberta Accardo. Integrando as ações, o projeto de Educomunicação surge como eixo estruturante, promovendo uma comunicação responsável, empática e alinhada a valores éticos e cristãos.

Considerações finais

A proposta dialoga diretamente com a concepção de educação integral. Como aponta Libâneo (2003), a escola deve integrar conhecimento e vida, possibilitando ao aluno atuar como sujeito ativo na construção do saber. Os primeiros resultados indicam maior engajamento e fortalecimento das relações interpessoais, ressignificando o contraturno como espaço de pertencimento.

Referências Bibliográficas

LIBÂNEO, José Carlos: **Didática**. São Paulo: Cortez, 2003.



Luciana Ercolin

Licenciada em Ciências Biológicas e em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar. Atua como Coordenadora Pedagógica do Instituto Educacional Coração de Jesus.



Bruna Vieira

Licenciada em Matemática. Atua nos projetos Projeto Pi e Monitoria entre Alunos do Instituto Educacional Coração de Jesus.



Roberta A. de Oliveira

Graduada em Jornalismo. Atua como professora responsável pelo Projeto de Linguagens e pelas ações de Educomunicação do Instituto Educacional Coração de Jesus.



Isabella Bonucci

Graduada em Psicologia. Atua como Orientadora Psicoeducacional do Instituto Educacional Coração de Jesus.



Marília Barreto

Licenciada em Letras. Atua como Diretora do Instituto Educacional Coração de Jesus.

Família e Escola: parceria que transforma a educação

O Projeto fortalece o diálogo entre pais e educadores e contribui para o desenvolvimento integral das crianças

Obra Moc

Desde março de 2025, a Obra Social Nossa Senhora de Fátima vem promovendo uma importante iniciativa voltada ao fortalecimento dos vínculos entre família e escola: o projeto de Encontro de Pais e Educadores. Idealizado pela Maria Gorete Alves, diretora na época, o projeto surgiu da necessidade de criar espaços de escuta, orientação e troca de experiências entre os pais e a equipe escolar.

Realizados mensalmente, sempre na última quarta-feira do mês, às 19h, no Salão Madre Cândida, as reuniões têm se consolidado como momentos significativos de formação e participação da comunidade educativa.

Um espaço de diálogo, espiritualidade e construção coletiva

Os Encontros de Pais e Educadores iniciam-se com um momento de acolhida das famílias, marcado por uma experiência orante e de internalização pessoal com Deus. Esse instante de espiritualidade proporciona aos participantes uma oportunidade de reflexão, fortalecimento da fé e preparação interior para vivenciar o encontro de forma mais aberta e

significativa. Inspirada nos valores cristãos e no carisma educativo das Filhas de Jesus, a instituição compreende que o cuidado com a dimensão espiritual também integra o processo de formação humana.

A proposta do projeto vai além de reuniões informativas. Trata-se de um espaço de construção coletiva, onde pais, responsáveis e educadores são convidados a refletir sobre temas importantes relacionados à educação das crianças.

A cada encontro, um colaborador da instituição assume a responsabilidade pela organização, definindo o tema, convidando palestrantes e planejando a condução das atividades. Essa dinâmica contribui para a diversidade dos temas abordados e para o envolvimento de toda a equipe escolar.

“Um espaço de construção coletiva, onde pais, responsáveis e educadores são convidados a refletir sobre temas importantes relacionados à educação das crianças.”

Momento de acolhida e formação durante o 1º Encontro de Pais e Educadores (EPAE) de 2026, realizado no Salão Madre Cândida, promovendo a aproximação entre famílias e comunidade educativa.



Participação das famílias no 3º Encontro de Pais e Educadores (EPAE) de 2026, evidenciando o compromisso com a formação integral e o fortalecimento da parceria entre escola e comunidade.

Entre os assuntos discutidos estão o desenvolvimento infantil, limites e afetividade, convivência familiar e o uso consciente das tecnologias, bem como orientações voltadas à saúde, bem-estar e outras informações relevantes - temas que fazem parte do cotidiano das famílias e impactam diretamente o processo educativo.

Acolhimento e participação

Um dos diferenciais do projeto é o cuidado com o acolhimento das famílias. Durante os encontros, é criado um ambiente de escuta respeitosa, no qual os participantes se sentem à vontade para compartilhar experiências, tirar dúvidas e dialogar com os educadores ou palestrantes.

Pensando também na realidade de muitas famílias, que precisam levar seus filhos, o responsável pelo encontro organiza um espaço específico na biblioteca da escola para acolher as crianças durante as

reuniões. Sob a supervisão de um colaborador, elas permanecem em um ambiente seguro e adequado, permitindo que os responsáveis participem com tranquilidade.

Educação que se constrói em parceria

A iniciativa reforça a compreensão de que a educação é um processo compartilhado, que exige a participação ativa da família e da escola. Quando esses dois contextos caminham juntos, os resultados são mais significativos e duradouros.

O projeto está alinhado aos princípios de uma educação humanizada, baseada no diálogo, no respeito e na corresponsabilidade. Ao promover esses encontros, a instituição fortalece não apenas a relação com as famílias, mas também contribui de maneira consistente para a formação integral das crianças.

Resultados que fazem a diferença

Ao longo de sua realização, o projeto já apresenta impactos positivos, como o aumento da participação dos pais na vida escolar, a melhoria na comunicação entre família e escola e o fortalecimento dos vínculos com a comunidade. Esses avanços refletem diretamente no desenvolvimento das crianças, que passam a contar com uma rede de apoio mais integrada e comprometida com seu crescimento.

Mais do que reuniões mensais, os Encontros de Pais e Educadores se consolidam como um espaço de transformação, reafirmando o compromisso da escola com uma educação participativa, acolhedora e de qualidade.

**Jessica Dias
B. Souza**



Diretora - Obra Social Nossa Senhora de Fátima (OBRAMOC). Formada em Psicologia; acadêmica do 6º período de Pedagogia; pós-graduada em Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade; pós-graduada em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico; pós-graduada em Orientação Vocacional e Profissional; e pós-graduada em Psicologia Escolar e Educacional.

**Nivia Carla
Rodrigues
de Oliveira**



Coordenadora Pedagógica – Obra Social Nossa Senhora de Fátima (OBRAMOC). Formada em Pedagogia, pós-graduada em educação especial com ênfase em deficiência intelectual.

Desafios na Educação

Os Impactos da Gestão Escolar e da Liderança no Cotidiano da Instituição Confessional

Centro de Serviços Compartilhados

Na contemporaneidade, a eficiência e a eficácia da Gestão não se limitam ao cumprimento de obrigações administrativas, fiscais ou burocráticas. A atuação do gestor configura diretamente o cotidiano escolar, ditando o tom das relações interpessoais e estabelecendo o bem-estar emocional de professores, colaboradores e estudantes. Quando há uma lacuna na liderança - caracterizada pela falta de uma postura firme, ética e corajosa para assumir a frente dos problemas -, a instituição é empurrada para um cenário complicado. O sintoma mais evidente dessa situação é a protelação crônica de decisões estratégicas. Ao adiar resoluções importantes, deslocando-as de seu contexto e relevância originais, o gestor desencadeia um efeito cascata de insegurança e desgaste.

Em se tratando de uma instituição confessional, este impacto ganha contornos ainda mais contundentes. Omissão e amadorismo administrativo colocam em xeque a pastoralidade, os valores cristãos e o testemunho evangélico que a escola professa em sua missão, visão e valores institucionais apresentados à sociedade. Portanto, a investigação dessas falhas

serve como um convite à reflexão prática, visando aprimorar a resiliência das escolas e fortalecer os laços entre todos os membros da comunidade educativa.



Conceituando a Gestão Educacional

A evolução histórica da literatura pedagógica demonstra uma transição conceitual marcante: partiu-se da clássica administração escolar para os modelos modernos de gestão e gestão estratégica.



Embora a terminologia guarde uma forte herança do universo empresarial, ela tornou-se indispensável no cenário educacional contemporâneo. Por ser uma instituição cujo foco primordial é o desenvolvimento humano, ético e social, além do cognitivo, a escola não pode ser gerida de forma empírica ou negligente. A profissionalização da tarefa de liderança é uma necessidade urgente, pois caso contrário, deixamos marcas profundas e, muitas vezes, irreparáveis na saúde financeira, na estrutura administrativa, na qualidade dos serviços prestados, além da imagem pública da instituição.

Para fundamentar essa necessidade de profissionalização, resgatamos autores fundamentais da área:

- **Libâneo (2003):** Já alertava que as instituições escolares necessitam de condições e meios estruturais mínimos para atingir seus objetivos pedagógicos, e que a viabilização desses meios depende diretamente da organização e da qualidade da gestão escolar.
- **Lück (2017):** Reforça essa tese ao apontar que a

liderança não é apenas um adereço gerencial, mas o elemento primordial para construir e sustentar um clima organizacional favorável, capaz de impactar diretamente a qualidade da entrega do trabalho docente.

Renato Casagrande: Sistematiza a atuação do líder em oito papéis interdependentes que devem ser exercidos de forma equilibrada: orientador, mentor, facilitador, organizador, planejador, monitor, negociador e empreendedor. A ausência dessas competências sabota o planejamento estratégico, gerando uma cultura institucional sem foco, com um olhar fragmentado e incapaz de enxergar a organização de forma sistêmica, o que impede um funcionamento equilibrado.

Nesse contexto de liderança e influência, o exemplo do gestor arrasta a equipe; sem uma conduta exemplar, nenhuma orientação verbal se sustenta no tempo. Essa filosofia é corroborada pela pedagogia de Cândida Maria de Jesus (fundadora da Congregação das Filhas de Jesus), sintetizada nas máximas: *"Eduquem com firmeza e com amor". "Eduquem pelo exemplo"*.

O grande diferencial de uma liderança inserida na escola confessional reside na clareza sobre o seu fim último: educar evangelizando e evangelizar educando. Autores como Balbinot e Murad destacam que o líder desse segmento educacional precisa ter a habilidade técnica de fixar e cumprir metas mercadológicas e administrativas, mas deve, acima de tudo, permear cada processo com espiritualidade. Essa espiritualidade e os valores cristãos não visam o proselitismo religioso, mas sim a edificação de um "humanismo solidário". A escola católica constrói conhecimento científico e dissemina cultura, mas se valida ao explicitar valores éticos, acolher o diálogo inter-religioso e formar novas lideranças comprometidas com o bem comum.

“O gestor precisa ter a clareza de que, embora detenha a palavra final dentro da logística escolar, ele é incapaz de conduzir os processos de forma isolada. Fortalecer e capacitar a equipe, delegando funções e acompanhando os resultados com maturidade, é o caminho viável para a excelência operativa.”

Contexto Normativo e a Gestão Pedagógica

A governança de uma unidade escolar não é uma tarefa fácil, exige do gestor a capacidade de orquestrar uma equipe que coopera ativamente com as suas diretrizes. Essa trajetória e as regras do jogo são formalizadas em documentos de caráter legal e pedagógico fundamentais, tais como o Regimento Escolar, o Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP) e os planejamentos de curso. Essas diretrizes firmam um compromisso que vai muito além do cumprimento da matriz curricular, englobando a função socializadora e cidadã da instituição. Contudo, como o cotidiano escolar é dinâmico e raramente reflete à risca o que foi planejado, o gestor precisa ter jogo de cintura e resiliência para lidar com imprevistos e intercorrências de forma proativa. Isso demanda uma escuta atenta e ativa, além do entendimento de que sua postura modela os procedimentos e dita os caminhos para uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

A nível nacional, o arcabouço jurídico que sustenta essas práticas é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96). A legislação vigente é explícita ao determinar a urgência de uma ação integrada e corresponsável entre a escola, as famílias e a comunidade local, como observado nos artigos:

- **Artigo 12 (Inciso VI):** Atribui aos estabelecimentos de ensino a incumbência legal de articular-se com as famílias e com a comunidade, criando mecanismos reais de integração entre a sociedade e o espaço escolar.
- **Artigo 13 (Inciso VI):** Estende essa obrigação diretamente ao corpo docente, determinando que os

professores devem colaborar ativamente nas atividades de articulação com as famílias.

- **Artigo 14:** Define os princípios da gestão democrática, prevendo a participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou órgãos equivalentes.

Embora a gestão democrática seja um princípio explicitamente desenhado para o ensino público na LDB, destacamos que as instituições particulares, confessionais e filantrópicas também operam sob lógicas participativas análogas. Por exigência de suas mantenedoras, essas escolas mantêm conselhos consultivos, associações de pais e mestres e instâncias de escuta colegiada que cumprem o espírito democrático da lei, adaptando-o à sua natureza jurídica.

Diante disso, constata-se que o papel do gestor rompe com o modelo de administração puramente mecanicista, tecnicista e utilitarista do passado, criticado por Lück (2017) como um fluxo racional imposto rigidamente de cima para baixo. Em contrapartida, emerge a centralidade da Gestão Pedagógica, entendida como o cerne vivo da escola. Conforme apresentado por Vasconcellos (2006), a coordenação do trabalho pedagógico deve ser entendida em uma acepção ampla de aglutinação e sinergia de pessoas. O gestor atua como o maestro que orchestra democraticamente os diferentes atores em busca de dar um sentido profundo e articulado às práticas educativas que ocorrem nos diversos tempos e espaços da escola. Para tanto, o acompanhamento em serviço, a avaliação constante de desempenho e a oferta de feedbacks maduros e construtivos passam a ser ferramentas obrigatórias na rotina do líder.

Liderança Servidora e Clima Pastoral

No cenário atual, marcado por rápidas transformações tecnológicas e sociais, o Brasil muitas vezes demonstra lentidão na absorção de práticas educacionais inovadoras em comparação com outros países. Esse panorama exige que as lideranças escolares estejam preparadas para enfrentar um rol complexo de adversidades cotidianas. Entre os principais gargalos identificados na rotina da direção, destacam-se as divergências





internas na equipe, a resistência à autoridade ou a ordens diretas, o absenteísmo, conflitos nos relacionamentos interpessoais e o expressivo aumento de demandas ligadas à inclusão escolar, que exige alta sensibilidade técnica e humana.

Para mitigar essas questões e unificar a equipe, a liderança da escola confessional dispõe de uma ferramenta institucional diferenciada: os serviços de apoio à pastoralidade. O objetivo primordial dessa instância é assessorar o gestor na construção de uma "escola em pastoral". Trata-se de um ambiente onde a comunidade educativa se apoia mutuamente, inspirada e balizada pelo carisma fundacional da instituição. Quando o carisma é trabalhado como um elemento vivo de formação contínua, todos os colaboradores passam a se enxergar e a se sentirem efetivamente como educadores. Esse forte sentimento de pertença atua como um elemento de retenção de talentos e engajamento, estabelecendo uma clara vantagem cultural em relação às instituições laicas.

Essa visão de coletividade encontra amparo nas reflexões do Papa Francisco sobre o Pacto Global Educativo, onde o pontífice resgata um antigo provérbio africano de profunda carga filosófica: *"É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança"*. O provérbio reforça a tese de que o sucesso educacional depende de redes de corresponsabilidade. O gestor precisa ter a clareza de que, embora detenha a palavra final dentro da logística escolar, ele é incapaz de conduzir os processos de forma isolada. Fortalecer e capacitar a equipe, delegando funções e acompanhando os resultados com maturidade, é o caminho viável para a excelência operativa.

Considera-se ainda que as pessoas constituem um bem valioso de todas as organizações, e na escola confessional isso é potencializado. O líder eficaz protege essa máxima ao priorizar a qualidade de vida no trabalho, a empatia e a motivação contínua. Ele deve atuar como uma liderança servidora, cujo foco central não é o exercício autocrático do poder, mas sim o desenvolvimento integral de seus liderados, identificando e fortalecendo novas lideranças dentro do grupo. Como a capacidade de liderar não é um dom místico ou inato, mas sim um processo social e histórico, ela pode ser aprendida e aperfeiçoada através de experiências coletivas e de programas de formação.

Por fim, contrapõe-se a visão clássica de liderança de mercado com a liderança cristã. Enquanto a administração tradicional (Chiavenato, 2008) exige do profissional o domínio de três competências básicas estratégicas - Conhecimento (saber conceitual), Habilidade (saber fazer e transformar teoria em prática) e Atitude (querer fazer e agir de forma proativa) -, o modelo confessional expande essa tríade. Conforme os estudos de Balbinot (2015), o líder-gestor cristão precisa ancorar sua prática em mais duas colunas fundamentais:

1) Valores éticos e cristãos: que guiam a tomada de decisões acima dos interesses financeiros.

2) Espiritualidade: que se traduz em uma implicação profunda com a formação voltada para o transcendente e para o cuidado com o outro.



Nessa cooperação integrada proposta por Balbinot, o foco nas pessoas, o zelo pelos processos administrativos e a busca por resultados de sustentabilidade mercadológica não se anulam; pelo contrário, somam-se e ganham coesão em nome de um propósito maior: a fidelidade à missão evangelizadora da instituição.

Gestão Escolar e a Liderança na Era Digital

O avanço vertiginoso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) reconfigurou o cotidiano das instituições de ensino, transpondo os muros físicos da escola para os ambientes virtuais. Se por um lado a transformação tecnológica otimiza processos pedagógicos e amplia o acesso ao conhecimento, por outro, ela impõe à gestão escolar, à equipe diretiva, uma urgente e complexa agenda de responsabilidades legais, éticas e formativas. Gerir a escola contemporânea exige do líder não apenas competência administrativa tradicional, mas a capacidade de capitanear uma comunidade educativa imersa na cultura digital.

Ainda sobre o cenário educacional, a nível normativo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece a "*Cultura Digital*" como uma das dez competências gerais da Educação Básica, somando-se a esta a chamada "BNCC da Computação". A normativa preconiza que os estudantes devem ser capazes de utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais. Isso significa que o papel da escola ultrapassa a mera instrumentalização técnica; trata-se de educar para a cidadania digital.

Essa missão ganha contornos de urgência jurídica quando articulada com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), especialmente em suas atualizações e interpretações voltadas ao cenário digital (o chamado ECA Digital), e com o Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014). A legislação brasileira assegura às crianças e aos adolescentes o direito à proteção integral, o que inclui a sua integridade física, psíquica e moral também nos ambientes virtuais. O gestor escolar, como autoridade máxima da instituição, assume a responsabilidade legal de criar mecanismos de prevenção e mitigação

dos riscos inerentes às plataformas digitais, que operam sob lógicas de algoritmos nem sempre projetados para proteger o público infantojuvenil.

Dentre os principais desafios que emergem desse ecossistema, destaca-se a proliferação do bullying e, fundamentalmente, do cyberbullying. Com a tipificação trazida pela Lei nº 14.811/2024, que institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos de ensino e incluiu o bullying e o cyberbullying no Código Penal, a omissão gerencial deixou de ser apenas uma falha pedagógica para se tornar um passivo de responsabilização jurídica. O cyberbullying apresenta um caráter disruptivo perverso: o assédio moral, as ofensas, a exclusão em grupos de mensagens e a exposição não autorizada de imagens ocorrem em tempo integral, gerando um rastro digital permanente e ampliando a escala da humilhação pública. Esses episódios violentos deterioram o clima organizacional da escola, desencadeando adoecimento emocional, ansiedade, depressão e evasão escolar, sabotando o processo de ensino-aprendizagem.

Diante desse cenário, a liderança - sobretudo em uma instituição confessional, onde o cuidado com a pessoa e a dignidade humana são pilares inegociáveis - deve agir de forma proativa através de três eixos fundamentais:



1) Prevenção Pedagógica e Curricular: inserir transversalmente no currículo a educação para as mídias, capacitando os alunos a identificarem notícias falsas (fake news), discursos de ódio e práticas de aliciamento virtual, além de promover campanhas contínuas de conscientização sobre empatia digital e respeito mútuo nas redes. Além disso, a responsabilidade em trabalhar a BNCC da Computação, da Educação Infantil ao Ensino Médio.

2) Protocolos de Intervenção e Acolhimento: estabelecer fluxos claros e ágeis de monitoramento e mediação de conflitos cibernéticos. O gestor deve liderar uma equipe capaz de acolher a vítima, aplicar medidas socioeducativas restaurativas aos agressores e, quando necessário, acionar os órgãos competentes, se for o caso, como o Conselho Tutelar e a Polícia Civil (especializada em crimes cibernéticos), cumprindo rigorosamente os mandamentos do ECA.

3) Parceria com as Famílias: promover canais de formação e diálogo com os pais ou responsáveis para orientá-los sobre a mediação parental do uso de telas, o controle de exposição a conteúdos inadequados e a importância da vigilância afetiva no ambiente doméstico.

Em suma, a negligência em educar para o melhor uso das tecnologias cria uma lacuna gerencial catastrófica. O líder-gestor moderno precisa compreender que o ambiente virtual e o presencial são indissociáveis na vida dos estudantes. Mitigar os riscos das redes e combater o cyberbullying, à luz da BNCC e da legislação de proteção integral, é um imperativo ético e um serviço missionário essencial para garantir que a escola continue sendo um espaço seguro, humanizado, solidário e promotor do desenvolvimento integral do ser humano, garantindo plenamente uma cultura de paz.

A análise da literatura científica permite concluir, que a saúde, a reputação e a eficácia de uma escola são o retrato da liderança que a conduz. O ambiente educacional contemporâneo impõe desafios severos e diários, mas o gestor que assume uma postura de líder autêntico possui os meios necessários para edificar uma equipe coesa, motivada e

institucionalmente segura. No ecossistema confessional, esse exercício profissional deve ser essencialmente iluminado pelas diretrizes do Evangelho e pelo carisma da Congregação das Filhas de Jesus, uma vez que somos continuadores do legado de Cândida Maria de Jesus.

A liderança servidora e confessional ressignifica o conceito de hierarquia: o cargo deixa de ser visto como um privilégio de status ou uma plataforma para o exercício do autoritarismo e passa a ser compreendido como um serviço missionário e comunitário. O líder-gestor cristão deve ser alguém academicamente preparado, capaz de transitar por teorias pedagógicas e cenários de gestão estratégica de mercado sem perder suas marcas identitárias diferenciais. Deve possuir a sensibilidade de se colocar no lugar do outro (empatia), mobilizar forças coletivas para solucionar problemas e manifestar uma



fé operante - isto é, uma fé ativa que gera respostas concretas às demandas sociais.

Por fim, advertimos que o gestor jamais deve buscar o mérito individual pelos êxitos da instituição, visto que as soluções e as vitórias educacionais são, por

natureza, construções coletivas e participativas. O compromisso último do líder é gerir sua equipe rumo à superação dos gargalos escolares, consolidando a instituição como um centro de excelência acadêmica

e, simultaneamente, como um espaço vital para a construção de uma sociedade mais justa, solidária, fraterna e plenamente humana.

Referências Bibliográficas

BALBINOT, RODINEI. **Gerir a escola católica com espiritualidade. 1.ed.** São Paulo: FTD, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº 9394/96. Brasília, DF: 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: 2019.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069/1990,** DF: 1990.

BRASIL. **Complemento à BNCC - Computação.** DF: 2022.

BRASIL. **Estatuto Digital da Criança e do Adolescente - Lei 15.211/2025,** DF: 2025.

CASAGRANDE, RENATO J. Valores Organizacionais: Un Análisis En El Contexto Educativo. Buenos Aires: UNESCO, 2002.

CONGREGAÇÃO FILHAS DE JESUS. **Nosso Modo Próprio de Educar.** Roma, 1994.

CHIAVENATO, I. **Gerenciando Pessoas, O passo decisivo para a administração participativa. 3ª ed.** São Paulo, SP: Makron Books, 1994.

CHIAVENATO, I. **Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

LIBÂNEO, J. C.; ET AL. **Educação Escolar. políticas, estrutura e organização. 2ª ed.** São Paulo: Cortez Editora, 2003.

LÜCK, H.; ET AL. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

LÜCK, H. **Dimensões de gestão escolar e suas competências.** Curitiba: Editora Positivo, 2009.

LÜCK, H. **Gestão educacional: uma questão paradigmática. Série: Cadernos de Gestão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LÜCK, H. **Liderança em gestão escolar. Série: Cadernos de Gestão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MURAD, AFONSO. **Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta. 3 ed.** São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, R. P.; ET AL. (2007). **Gestão, financiamento e direito à educação: análise da Constituição Federal e da LDB.** São Paulo: Xamã.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do Projeto Político-Pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 6ª ed.** São Paulo: Libertad, 2006.

**Cássia Lara
Neves de Araújo**



Gestora Educacional da Rede FI. Pedagoga, Historiadora, Psicopedagoga, Especialista em Gestão Escolar e MBA em Liderança e Gestão Educacional, Especialista em Direito Educacional dentre outros.



Saúde Mental

O Novo Pilar Estratégico das instituições de ensino

Centro de Serviços Compartilhados

A saúde mental tem ocupado um lugar cada vez mais relevante nas discussões contemporâneas, impulsionada pelo aumento expressivo dos transtornos psicológicos na sociedade. Embora a conscientização sobre o tema tenha avançado, muitas pessoas ainda enfrentam dificuldades para identificar sinais de esgotamento emocional e buscar o apoio necessário.

No ambiente corporativo, as responsabilidades e a dificuldade em estabelecer limites entre vida pessoal e profissional configuram fatores que favorecem o desenvolvimento de crises de ansiedade e da Síndrome de Burnout. Nesse contexto, discutir o bem-estar psicológico nas organizações deixou de ser

apenas um diferencial e passou a representar uma necessidade urgente.

É nesse cenário que a Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1) assume grande relevância. Ao estabelecer diretrizes voltadas ao gerenciamento de riscos e à prevenção de doenças e acidentes ocupacionais, a norma reforça que a preservação da saúde física e mental dos trabalhadores deve ser uma responsabilidade compartilhada entre empresas e funcionários, promovendo ambientes mais seguros, saudáveis e equilibrados.

Investir em saúde mental vai além do cumprimento de obrigações legais: trata-se de uma estratégia que

impacta diretamente a produtividade, o engajamento e a retenção de talentos. Questões como assédio moral e estresse crônico desencadeiam consequências negativas, como aumento do absenteísmo, conflitos internos e queda no desempenho das equipes. Comentários constrangedores, brincadeiras inadequadas ou exposição de um colaborador diante de outras pessoas, podem gerar ansiedade, insegurança, estresse e até desmotivação. Quando um colaborador adoce emocionalmente, toda a equipe sente os impactos. Por isso, cuidar da saúde mental precisa fazer parte da cultura da empresa.

Transformar o ambiente de trabalho exige lideranças empáticas e focadas na escuta ativa. O papel do líder é cuidar, não diagnosticar. Por isso, é preciso atenção a sinais de alerta, como isolamento, queda na produtividade ou mudanças bruscas de comportamento. Ouvir com atenção genuína e sem julgamentos demonstra abertura ao diálogo e

“Ouvir com atenção genuína e sem julgamentos demonstra abertura ao diálogo e empatia. Essa prática não apenas fortalece os vínculos e melhora o clima organizacional, mas também constrói relações de trabalho muito mais saudáveis e humanas.”

empatia. Essa prática não apenas fortalece os vínculos e melhora o clima organizacional, mas também constrói relações de trabalho muito mais saudáveis e humanas.

Manter o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional exige limites saudáveis, autocuidado e uma rotina consciente. Afinal, buscar o bem-estar no trabalho não é um luxo, mas uma necessidade humana: estar bem onde produzimos é o primeiro passo para uma vida plena. No entanto, construir esse ambiente ideal não depende de uma única pessoa, do colega ou apenas da empresa; exige o envolvimento de todos em prol de um bem comum, criando um espaço onde dê alegria estar todos os dias. Para sustentar esse equilíbrio, também é vital desconectar após o expediente, reservando tempo para o lazer, a convivência familiar e hábitos saudáveis, como os exercícios físicos.

Promover o equilíbrio emocional no ambiente de trabalho é tarefa de todos: criar espaços mais humanos e acolhedores, onde as pessoas se sintam valorizadas e as relações sejam pautadas pelo respeito, bem-estar e sustentabilidade.

Zilda Araújo

Formada em Administração com MBA em Gestão Estratégica de Pessoas e Desenvolvimento Humano.





Tecnologias Assistivas no atendimento educacional especializado

Contribuições para a aprendizagem do público-alvo da educação especial

Stella Maris

Resumo

A educação inclusiva no Brasil foi fortalecida pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que garante o direito à educação em igualdade de condições. Este estudo analisou as contribuições das tecnologias assistivas (TA) para a aprendizagem do público-alvo da educação especial no Atendimento Educacional Especializado (AEE), por meio de uma revisão narrativa da literatura. Foram incluídos cinco artigos publicados. Os resultados evidenciaram que as TA, especialmente softwares educacionais e recursos de comunicação aumentativa, favorecem a inclusão, a comunicação e o desempenho acadêmico dos estudantes. Conclui-se que as tecnologias

assistivas constituem ferramentas pedagógicas essenciais para promover a aprendizagem e a inclusão escolar quando articuladas a práticas educativas planejadas.

Palavras-chave: Atendimento educacional especializado, Educação especial, Tecnologia assistiva.

1) Introdução

A educação inclusiva no Brasil avançou significativamente com a promulgação da Lei nº 13.146/2015, denominada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), que reafirma o

direito à educação em igualdade de condições para todos (Brasil, 2015). Nesse contexto, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) emerge como serviço complementar à escolarização regular, voltado à eliminação de barreiras que impedem a participação plena do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), composto por estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2008).

As Tecnologias Assistivas (TA) são definidas pelo Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) como um conjunto de recursos, produtos, estratégias e serviços que visam ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência, promovendo autonomia, inclusão e qualidade de vida (Brasil, 2009). No contexto do AEE, as TA desempenham papel central ao viabilizar o acesso ao currículo, a comunicação alternativa e o desenvolvimento de competências cognitivas, comunicativas e sociais do PAEE (Bersch, 2017).

Apesar de sua relevância, a produção científica sobre o uso de TA no AEE ainda apresenta lacunas quanto às evidências de impacto na aprendizagem, especialmente em contextos educacionais brasileiros.

A sistematização desse conhecimento é fundamental para subsidiar políticas públicas e práticas pedagógicas inclusivas.

Assim o referente artigo tem como objetivo analisar as contribuições das tecnologias assistivas para a aprendizagem do público-alvo da educação especial no contexto do atendimento educacional especializado.

2) Metodologia

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, conduzida conforme as diretrizes do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Page et al., 2021). O protocolo de pesquisa compreendeu as etapas: identificação do problema, busca na literatura, seleção e avaliação dos estudos, análise dos dados e apresentação dos resultados. A busca foi realizada entre maio e junho de 2026 nas seguintes bases de dados da área da educação: Education Resources Information Center (ERIC), Education Database (EDUC/ProQuest) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os descritores utilizados foram: "tecnologia assistiva", "atendimento educacional especializado", "educação especial", combinados com seus equivalentes em inglês e espanhol, por meio do operador booleano AND.

Foram incluídos artigos originais e de revisão sem restrição de linha temporal, em português, inglês ou espanhol, com texto completo disponível, que abordassem explicitamente o uso de TA com o PAEE no contexto do AEE ou da educação inclusiva. Foram excluídos estudos sem relação com aprendizagem, dissertações, teses e publicações duplicadas.

3) RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca inicial identificou 318 publicações. Após remoção de duplicatas (n=74) e aplicação dos

“No contexto do AEE, as TA desempenham papel central ao viabilizar o acesso ao currículo, a comunicação alternativa e o desenvolvimento de competências cognitivas, comunicativas e sociais.”



critérios de elegibilidade, foram selecionados 30 artigos para leitura na íntegra, que após processo rigoroso de análise foram selecionados cinco artigos para a amostra final.

Os artigos foram organizados em três categorias temáticas: (1) TA e comunicação aumentativa e alternativa (CAA); (2) softwares e aplicativos educacionais; e (3) acessibilidade digital e recursos de baixa tecnologia. As TA mais investigadas foram softwares de leitura e escrita assistida, pranchas de comunicação digital e aplicativos para dispositivos móveis.

Os resultados indicam que o uso intencional e planejado das TA no AEE contribui para: o desenvolvimento da comunicação funcional em

estudantes com autismo e paralisia cerebral (Lino et al., 2020; Silva; Pedrosa, 2024); a ampliação da autonomia de estudantes com deficiência intelectual (Rocha; Deliberato, 2022); e a melhora no desempenho em leitura e escrita de estudantes com transtorno do espectro autista (Lino et al., 2020).

Os achados corroboram com a literatura recente ao evidenciar que as TA, quando inseridas em práticas pedagógicas intencionais e apoiadas por professores capacitados, produzem impactos positivos mensuráveis na aprendizagem do PAEE (Bersch, 2017; Lino et al., 2020; Silva; Pedrosa, 2024). A CAA, especialmente em formatos digitais, destaca-se como recurso de alto impacto para estudantes com TEA e paralisia cerebral, favorecendo a expressão comunicativa e a interação social.



A formação docente emerge como variável mediadora fundamental: estudos indicam que o potencial das TA não se realiza sem o engajamento pedagógico qualificado do professor do AEE (Bezerra, 2024).

Os softwares educacionais e aplicativos para dispositivos móveis apresentaram resultados promissores para estudantes com deficiência intelectual e dislexia. A acessibilidade digital mostrou-se elemento transversal indispensável para garantir o acesso equitativo ao currículo, em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2008; Alqahtani, 2020).

4) CONCLUSÃO

As tecnologias assistivas revelam-se recursos pedagógicos de alto potencial no contexto do atendimento educacional especializado, contribuindo de forma significativa para a aprendizagem, a comunicação e a autonomia do público-alvo da educação especial.

Os melhores resultados ocorrem quando as TA são integradas a práticas educativas intencionais, sustentadas por formação docente adequada e suporte institucional. Recomenda-se a ampliação de pesquisas longitudinais que avaliem o impacto das TA em diferentes contextos escolares brasileiros, bem como investimentos em formação docente especializada e políticas de acesso às TA nas redes públicas de ensino.

Fabiana de Almeida Guidini



Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário da Cidade; Mestranda em Neurociência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes; Pós-graduada em Terapia Cognitivo-comportamental pelo Centro Universitário Única; Pós-graduada em Direito Educacional pela Faculdade Libano; Pós-graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Libano. Escritora: “*Criando Filhos Emocionalmente Saudáveis*”, “*O Brilho Escondido: revelando o Gênio nas Crianças com Altas Habilidades*”, “*Neuromodulação na Aprendizagem Potencializando o Educar. A Conexão Entre Mente e Habilidade: Como o Neurofeedback Transforma o Ensino*”.

Referências Bibliográficas

ALQAHTANI, S. S. **Technology-based interventions for children with reading difficulties**. Educational Technology Research and Development, v. 68, n. 6, p. 3495-3525, 2020.

BERSCH, R. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: CEDI, 2017. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 16 mai. 2026.

BEZERRA, E. T. et al. **A formação de professores para o uso de tecnologia assistiva e comunicação alternativa na educação inclusiva**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 10, p. 77-91, 2024.

BRASIL. Comitê de Ajudas Técnicas. **Tecnologia assistiva**. Brasília, DF: CORDE, 2009.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 16 mai. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2026.

LINO, T. B. et al. **Efeitos do uso de recursos de tecnologia assistiva para promover independência em atividades de vida diária para uma criança com paralisia cerebral**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 26, n. 1, p. 35-50, 2020.

PAGE, M. J. et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews**. BMJ, v. 372, n. 71, 2021.

ROCHA, A. N. D. C.; DELIBERATO, D. **Tecnologia assistiva para a criança com paralisia cerebral na escola: identificação das necessidades**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 18, p. 71-92, 2012.

SILVA, R. F.; PEDROSA, S. M. P. A. **Tecnologia assistiva e autismo**. Revista Teias, v. 25, n. 79, 2024.



Novos Mapas de Esperança

Desafios da educação cristã à luz da espiritualidade inaciana

Filhas de Jesus

Resumo

Este texto discute os desafios da educação cristã no contexto contemporâneo, marcado por transformações culturais, tecnológicas e religiosas, tendo como referência a Carta Apostólica Desenhar novos mapas de esperança, do Papa Leão XIV. A reflexão analisa as contribuições da espiritualidade inaciana para os processos educativos, especialmente por meio das categorias de discernimento, interioridade e integração entre experiência, reflexão e ação. A pesquisa, de caráter bibliográfico e documental, fundamenta-se em uma abordagem hermenêutico-interpretativa, dialogando com autores do campo da Teologia, das Ciências da Religião, e da pedagogia inaciana. Busca compreender como a espiritualidade pode favorecer a formação integral da pessoa diante da crise de sentido, da fragmentação das relações e da predominância de lógicas tecnicistas. Como resultado, propõe uma compreensão da educação cristã como espaço de humanização, construção de sentido e compromisso ético com a vida.

Este texto integra uma pesquisa sobre espiritualidade inaciana e educação no campo das Ciências da Religião. Propõe refletir sobre os desafios da educação cristã na contemporaneidade à luz da Carta Apostólica Desenhando novos mapas de esperança, do Papa Leão XIV, analisando as contribuições da espiritualidade inaciana para a formação integral da pessoa humana, especialmente por meio das categorias de discernimento, interioridade e integração entre experiência, reflexão e ação. Busca ainda, compreender a educação cristã como espaço de construção de sentido, humanização e compromisso ético com a vida diante dos desafios culturais, tecnológicos e religiosos do mundo contemporâneo.

No campo das Ciências da Religião, a presente reflexão mostra-se relevante por favorecer uma aproximação entre espiritualidade, educação e contemporaneidade. Ao compreender a educação cristã como espaço de manifestação do fenômeno religioso em suas dimensões simbólica, cultural e

formativa, a pesquisa amplia a análise das relações entre experiência religiosa e processos educativos. Nessa perspectiva, a religião é entendida não apenas como sistema de crenças, mas como realidade que produz sentidos, valores e formas de interpretação da existência humana (VELASCO, 2009).

Além disso, o estudo contribui para uma compreensão mais ampla da espiritualidade, superando concepções que a restringem ao âmbito privado ou exclusivamente devocional. A espiritualidade é aqui concebida como uma experiência que permeia a formação da pessoa, influenciando a construção de significados, os modos de relação consigo mesma, com os outros e com a realidade. Tal compreensão permite reconhecer sua relevância nos processos educativos e na formação integral do ser humano (LIBÂNIO, 2011).

Nesse horizonte, a espiritualidade inaciana apresenta-se como uma importante chave interpretativa para os desafios educacionais contemporâneos. Categorias como discernimento, interioridade, liberdade e integração entre experiência, reflexão e ação constituem elementos centrais da tradição pedagógica inspirada por Santo Inácio de Loyola, oferecendo contribuições significativas para uma formação capaz de responder aos desafios da fragmentação das relações humanas, da crise de sentido e da crescente predominância de perspectivas tecnicistas na educação (KLEIN, 2015).

Dessa forma, a pesquisa ultrapassa uma abordagem estritamente teológica ou pastoral e insere-se no horizonte epistemológico das Ciências da Religião, ao analisar como tradições espirituais produzem sentidos, valores, práticas formativas e perspectivas éticas capazes de contribuir para a compreensão dos desafios humanos e educacionais da atualidade.

Antes de abordar os desafios da educação cristã na contemporaneidade, é necessário compreender a concepção de educação apresentada na Carta Apostólica *Desenhar novos mapas de esperança*, do Papa Leão XIV. O documento parte da convicção de que a educação ocupa um lugar constitutivo na missão evangelizadora da Igreja, não sendo uma atividade secundária, mas a própria forma pela qual o

Evangelho se torna gesto educativo, relação e cultura (LEÃO XIV, 2025, n. 1.1). Nesse sentido, a educação é compreendida como um processo de transmissão de conhecimento e de sentido, capaz de renovar continuamente a ação evangelizadora diante das mudanças e incertezas do mundo contemporâneo.

A Carta rejeita compreensões reducionistas da educação, afirmando que a pessoa humana não pode ser reduzida a um “perfil de competências” ou a um “algoritmo previsível”, mas deve ser reconhecida em sua dignidade, história e vocação (LEÃO XIV, 2025, n.º 4.1). Por isso, a educação é concebida como um processo de formação integral que articula as dimensões intelectual, afetiva, ética, espiritual e social da existência humana, favorecendo a descoberta do sentido da vida, o amadurecimento da liberdade e o compromisso com o bem comum (LEÃO XIV, 2025, n. 4.2; n. 5.1). Essa perspectiva aproxima-se da tradição pedagógica inaciana, que compreende a formação humana como integração entre experiência, reflexão e ação, valorizando a interioridade e o discernimento como elementos fundamentais do crescimento pessoal.

A dimensão relacional também ocupa lugar de destaque na Carta Apostólica. Leão XIV afirma que a educação cristã é um trabalho conjunto, realizado no interior de uma comunidade educativa formada por professores, estudantes, famílias, agentes pastorais e sociedade civil (LEÃO XIV, 2025, n. 3.1).

A verdade é buscada em comunidade, mediante o diálogo, a escuta e o reconhecimento da dignidade do outro. Nesse horizonte, a escola católica é definida como um ambiente vivo onde fé, cultura e vida se entrelaçam, e onde o testemunho dos educadores possui relevância tão significativa quanto os conteúdos ensinados (LEÃO XIV, 2025, n. 5.2).

“A educação é um processo de transmissão de conhecimento e de sentido, capaz de renovar continuamente a ação evangelizadora diante das mudanças e incertezas do mundo contemporâneo.”



A esperança constitui outro eixo estruturante da reflexão do Papa. Educar é descrito como um ato de esperança que se renova continuamente, porque aposta no futuro da humanidade e na capacidade de cada pessoa florescer e desenvolver plenamente suas potencialidades (LEÃO XIV, 2025, n. 3.2).

Diante das fragilidades contemporâneas, marcadas pela crise das relações, pelas desigualdades sociais e pela fragmentação cultural, a educação é chamada a reconstruir vínculos, fortalecer a fraternidade e promover processos de humanização (LEÃO XIV, 2025, n. 4.3; n. 10.2).

A escola e a universidade católicas são chamadas a cultivar o discernimento crítico diante dos ambientes digitais, evitando tanto a tecnofobia quanto a submissão acrítica ao eficientismo tecnológico. Nenhum algoritmo, afirma o Papa, pode substituir aquilo que torna humana a educação: a imaginação, a arte, a poesia, o amor, a capacidade de errar e aprender com os próprios erros (LEÃO XIV, 2025, n. 9.1-9.3).

Por fim, a Carta propõe uma educação aberta ao diálogo entre fé, cultura, ciência e sociedade. Inspirada pelo Pacto Educativo Global, a educação cristã é apresentada como instrumento de fraternidade, inclusão, justiça social e cuidado com a casa comum (LEÃO XIV, 2025, n. 10.1).

Desse modo, a missão educativa da Igreja não consiste em refugiar-se diante das transformações

contemporâneas, mas em constituir-se como espaço de discernimento, inovação pedagógica e testemunho profético, capaz de desenhar novos mapas de esperança para as futuras gerações (LEÃO XIV, 2025, n. 11.1).

Diante dos desafios apresentados, torna-se pertinente perguntar: em que medida a espiritualidade inaciana, enquanto experiência religiosa formativa e geradora de sentidos, oferece mediações para compreender os desafios contemporâneos da educação cristã à luz da Carta Apostólica *Desenhar novos mapas de esperança*, do Papa Leão XIV?

A espiritualidade inaciana, centrada no discernimento, na interioridade e na integração entre experiência, reflexão e ação, oferece importantes contribuições para pensar processos educativos voltados à formação integral da pessoa humana. Nessa perspectiva, aproxima-se da compreensão de espiritualidade apresentada por Libânio (2011), para quem a experiência espiritual constitui uma dimensão integradora da existência, capaz de articular fé, sentido e compromisso com a realidade histórica.

No horizonte das Ciências da Religião, a espiritualidade pode ser compreendida como manifestação do fenômeno religioso, pois expressa modos de buscar sentido, interpretar a existência e orientar a vida. Nessa perspectiva, não se reduz à experiência individual ou devocional, mas configura-se como realidade cultural e simbólica que produz valores, influencia relações humanas e participa da construção de identidades e processos formativos. Como observa Velasco (2009), a experiência religiosa manifesta-se precisamente na capacidade humana de abrir-se a horizontes de significado que permitem interpretar a realidade e responder às questões fundamentais da existência.

A espiritualidade inaciana oferece importantes mediações para compreender a formação humana contemporânea por meio de categorias como discernimento, interioridade, acompanhamento pessoal e compromisso com a realidade. Inspirada na experiência de conversão de Santo Inácio de Loyola, iniciada após seu ferimento na Batalha de Pamplona

(1521), essa tradição nasce de um profundo processo de interiorização e releitura da experiência, do qual emerge o discernimento espiritual, entendido como a capacidade de interpretar os movimentos interiores da pessoa humana (KLEIN, 2015). Nesse sentido, a espiritualidade inaciana é compreendida nesta pesquisa como fenômeno religioso, cultural e formativo, capaz de contribuir para a reflexão sobre os desafios educacionais da contemporaneidade.

A partir desse percurso, Inácio desenvolve uma compreensão da formação humana baseada na interioridade, na reflexão sobre a experiência e na integração entre fé e vida. Segundo Klein (2015), a pedagogia inaciana compreende a educação como um processo integral que articula experiência, reflexão e ação, favorecendo o desenvolvimento das dimensões intelectual, afetiva, ética, espiritual e social da pessoa.

Nesse horizonte, a espiritualidade inaciana ultrapassa uma perspectiva meramente devocional e configura-se como uma proposta formativa voltada à construção de sujeitos conscientes, críticos, compassivos e comprometidos com a transformação da realidade. Ao valorizar o discernimento, o acompanhamento pessoal e a busca de sentido, essa tradição oferece importantes contribuições para pensar processos educativos humanizadores diante dos desafios contemporâneos (KLEIN, 2015).

A aproximação entre a Carta Apostólica *Desenhar novos mapas de esperança* e a espiritualidade inaciana torna-se possível porque ambas compartilham a preocupação com a formação integral da pessoa humana diante dos desafios contemporâneos.

Enquanto o documento evidencia problemas como a fragmentação das relações, a crise de sentido, a aceleração digital e a lógica tecnicista, a tradição inaciana oferece importantes mediações por meio do discernimento, da interioridade e da integração entre experiência, reflexão e ação. Dessa forma, a educação é compreendida como processo de humanização, construção de sentido e compromisso com a transformação da realidade.

Desta forma, podemos evidenciar que a educação cristã é chamada a responder aos desafios do mundo contemporâneo sem renunciar à sua dimensão humanizadora. Nesse horizonte, a Carta Apostólica de Leão XIV e a espiritualidade de Santo Inácio de Loyola convergem ao reafirmar a centralidade da pessoa humana, a importância da interioridade e a necessidade de uma formação integral.

Contudo, permanecem questões que desafiam a reflexão educativa atual: como educar para o discernimento e para a construção de sentido em uma cultura marcada pela velocidade, pelos algoritmos e pela lógica da performance?

Mais do que oferecer respostas definitivas, esta pesquisa busca abrir horizontes de reflexão, compreendendo a educação cristã como espaço de esperança, humanização e formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente a realidade e comprometer-se com o cuidado da vida e do outro.

Referências Bibliográficas

KLEIN, LUIZ FERNANDO. **Educação jesuíta e pedagogia inaciana**. São Paulo: Loyola, 2015.

LEÃO XIV. **Desenhando novos mapas de esperança**: Carta Apostólica. Loyola, 2025.

LIBÂNIO, JOÃO BATISTA. **A escola da liberdade: subsídios para meditar**. São Paulo: Loyola, 2011.

VELASCO, JUAN MARTÍN. **Introducción a la fenomenología de la religión**. Madrid: Trotta, 2009.

Patrícia Helena Coimbra



Religiosa da Congregação Irmãs Filhas de Jesus. Graduada em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), possui Pós-Graduação em Espiritualidade Cristã e Acompanhamento Espiritual pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). É mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC- Campinas) e, atualmente, é Doutoranda na mesma área e instituição. Atua como professora nos Anos Finais e no Ensino Médio, além de exercer a função de gestora pastoral das escolas no estado de São Paulo.



A importância estratégica da produção de conteúdo no ambiente escolar

Centro de Serviços Compartilhados

A comunicação escolar deixou de ser apenas informativa para assumir um papel estratégico dentro das instituições de ensino. Em um cenário marcado por múltiplos canais, excesso de informação e mudanças constantes no comportamento das famílias e dos estudantes, a produção de conteúdo tornou-se uma ferramenta essencial para fortalecer a identidade da escola, gerar conexão com a comunidade e dar sentido às ações pedagógicas e institucionais.

Produzir conteúdo no ambiente escolar vai muito além de divulgar eventos, datas comemorativas ou comunicados internos. Trata-se de construir narrativas que expressam valores, propósito e visão educacional. Cada texto, imagem, vídeo ou publicação

carrega a oportunidade de reforçar aquilo que a escola acredita e pratica diariamente: sua proposta pedagógica, seu cuidado com as pessoas e seu compromisso com a formação integral.

O comportamento das famílias também mudou. Se antes o “boca a boca” era suficiente, hoje elas estão mais conectadas, informadas e participativas. Antes de escolher uma escola, é comum que pesquisem, acompanhem as redes sociais, leiam conteúdos mais aprofundados oferecidos pela própria instituição e busquem referências.

Conteúdo como construção de identidade

Toda escola comunica, mesmo quando não planeja. A ausência de estratégia também comunica, muitas

vezes de forma incoerente. Quando a produção de conteúdo é pensada de maneira estratégica, ela passa a ser uma aliada na construção da identidade institucional.

Um conteúdo bem construído permite que a escola seja reconhecida não apenas pelo que ensina, mas pela forma como se posiciona. Ele traduz, em linguagem acessível, o projeto pedagógico, as práticas educativas e as conquistas coletivas. Isso gera transparência, aproxima as famílias e fortalece a confiança, elemento essencial na relação escola-família.

A produção de conteúdo também exerce influência direta na cultura interna da escola. Quando professores, gestores e equipes são envolvidos no processo de comunicação, cria-se um sentimento de corresponsabilidade e reconhecimento. O conteúdo deixa de ser apenas “do marketing” e passa a ser da instituição como um todo. Dar voz aos educadores, valorizar práticas pedagógicas e registrar processos fortalece o orgulho de pertencimento e contribui para uma cultura organizacional mais integrada.

Relatar o cotidiano escolar é essencial, pois as famílias desejam ver traduzido, em imagens, vídeos e textos, aquilo que é vivenciado no dia a dia. No entanto, é igualmente importante trazer reflexões pedagógicas, que contribuem para transmitir segurança e autoridade sobre o trabalho desenvolvido. A porta de entrada, após o “boca a boca” ou a indicação de um conhecido, são sem dúvida, os canais de comunicação da escola.

O bom e velho site continua fazendo a diferença

O site é o canal institucional da escola. Independentemente das tendências, ele permanece como referência oficial. Por isso, deve estar sempre atualizado, com fotos atuais, notícias relevantes e, principalmente, conteúdos mais aprofundados.

O blog, nesse contexto, torna-se uma ferramenta essencial. É nele que os conteúdos de valor são desenvolvidos com mais profundidade e, muitas vezes, é por meio dele que famílias com real interesse na escola iniciam sua jornada de busca.

À medida que o site é alimentado com conteúdos relevantes, ele passa a ter maior visibilidade nos mecanismos de busca, como o Google, de forma orgânica. Além disso, esses conteúdos também contribuem para o cruzamento de dados realizado por inteligências artificiais, ampliando ainda mais a presença digital e a autoridade da instituição.

Não há segredo ou fórmula mágica. Trata-se de consistência. É a produção de conteúdo feita aos poucos, de forma contínua, de grão em grão, que constrói relevância, presença e confiança ao longo do tempo.

Marketing digital

Não dá para ignorar que, mesmo produzindo conteúdos orgânicos, é importante estar presente no conteúdo pago. Isso não significa desmerecer os resultados por serem impulsionados. Pelo contrário: até mesmo os conteúdos pagos enfrentam o desafio de chamar atenção.

Trata-se de uma vitrine imensa, com um cardápio variado de ofertas e com lances em um leilão digital acontecendo o tempo todo. Estar entre os primeiros resultados no Google ou aparecer com relevância no feed do Instagram e do Facebook não depende apenas de investimento financeiro. Exige planejamento, estratégia e consistência.

Isso significa definir objetivos claros, entender o papel de cada canal, estabelecer prioridades e alinhar a comunicação ao calendário pedagógico e institucional. Conteúdo estratégico não é produzido apenas por demanda ou urgência, mas pensado com antecedência, intencionalidade e coerência.

“Produzir conteúdo no ambiente escolar vai muito além de divulgar eventos, datas comemorativas ou comunicados internos. Trata-se de construir narrativas que expressam valores, propósito e visão educacional.”

Planejar não engessa a criatividade, pelo contrário: oferece direção. Permite equilibrar conteúdos do dia a dia com conteúdos mais estratégicos, institucionais e de posicionamento. Também ajuda a evitar a comunicação reativa, feita apenas para “preencher espaço”, sem propósito claro.

Outro ponto fundamental é a análise. Avaliar o que funciona, o que gera engajamento, o que aproxima e o que precisa ser ajustado faz parte do processo. Estratégia também é escuta e adaptação.

É importante lembrar que, ao produzir conteúdo com foco em anúncios e impulsionamentos, é necessário pensar em materiais que sejam úteis e interessantes para o público, e não apenas para a unidade escolar.

Trata-se de uma via de mão dupla. Além disso, a comunicação precisa ter uma linguagem próxima, natural e humanizada, distante de um padrão engessado e impessoal. Os consumidores estão cansados de ser tratados como números e buscam marcas com as quais possam se identificar.

Como explica João Branco, em seu livro *Desmarketize-se*, o marketing atual valoriza a proximidade e a identificação com as pessoas, deixando de lado a lógica da admiração distante por modelos perfeitos e inalcançáveis. Hoje, o consumidor busca conexão real, quer se sentir próximo das marcas e construir relações baseadas em confiança.



Outro ponto essencial é a consistência. Consistência é sustentar a mesma mensagem ao longo do tempo, adaptando a forma, mas preservando a essência. É comunicar, em diferentes formatos e contextos, aquilo que define a identidade da instituição. Pode parecer repetitivo, mas é essa repetição que constrói memorabilidade, gera familiaridade e fortalece o reconhecimento da marca.

A versão impressa também faz parte da estratégia

Nesse sentido, a estratégia de conteúdo precisa considerar não apenas o que será comunicado, mas também como e para quem. Diferentes públicos demandam abordagens e formatos distintos. Nem toda comunicação acontece exclusivamente no digital.

Existem canais que vão além da tela e que continuam sendo relevantes dentro de uma estratégia de comunicação. Um canal complementa o outro, sempre alinhado à linguagem e à mensagem da instituição. Na comunicação da Rede Filhas de Jesus, além dos diversos formatos já utilizados, a Revista Em Rede foi preservada como um canal estratégico. Consolidada há mais de 10 anos, é uma comunicação direta e inclusiva para famílias e, especialmente, para os educadores. Trata-se de um canal de comunicação pensado para um público específico.

A realidade como ela é

Para que a comunicação seja verdadeira, ela precisa nascer da experiência vivida. Não pode ficar restrita a peças institucionais ou comunicados formais, mas deve ganhar forma no cotidiano, nas relações e nas pequenas ações do dia a dia. A escola é um ambiente vivo, feito de pessoas e histórias reais, e a comunicação deve refletir essa vida em movimento.

Em um contexto em que imagens perfeitas e produções altamente elaboradas estão cada vez mais acessíveis, torna-se ainda mais relevante valorizar o que é real. Isso não significa abrir mão do cuidado, mas sim dar espaço para registros autênticos do cotidiano escolar, momentos, interações e experiências que carregam significado.

As imagens também comunicam e são capazes de transmitir sentimentos. Mostrar a realidade é uma forma potente de gerar identificação e conexão com as famílias. Em um tempo em que a perfeição está ao alcance de todos, a autenticidade se torna um diferencial.

A comunicação, quando construída com verdade, intencionalidade e consistência, passa a integrar a própria experiência educativa. É por meio dela que a escola se apresenta, se posiciona e se conecta com a comunidade. Cada conteúdo produzido se transforma em uma oportunidade de fortalecer vínculos, dar visibilidade ao que realmente importa e construir relações de confiança que permanecem ao longo do tempo. É um processo contínuo, mas vale a pena.

Referências Bibliográficas

BRANCO, JOÃO. **Desmarketize-se: o novo marketing não parece marketing**. Barueri, São Paulo: Editora Gente, 2023.

GODIN, Seth. **Isso é marketing: para ser visto é preciso aprender a enxergar**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

REZ, Rafael. **Marketing de Conteúdo: a moeda do século XXI**. São Paulo: DVS Editora, 2016.



Simone
Rezende

Analista de Comunicação e Marketing da Rede Filhas de Jesus. Jornalista e produtora de conteúdo, tem especialidade em escrita criativa e possui MBA em Marketing e Vendas.



Eva Anoroza Mariano, 6 anos, na celebração mariana do Colégio Imaculada de Campinas.

Ser e estar na Rede Filhas de Jesus

Uma breve reflexão acerca da experiência de uma professora e mãe na Rede Filhas de Jesus

Imaculada Campinas

Em uma festa de aniversário, minha filha, na época com dois anos de idade, brincava com uma caixa repleta de acessórios e fantasias: havia espada, escudo, capa e coroa. Enfim, era uma caixa capaz de despertar inúmeras imaginações e histórias em uma mente fértil de criança. Então, ela pegou a coroa, colocou-a sobre a minha cabeça e disse: *“igual à mãezinha do céu”*.

Por mais banal que esse episódio possa parecer, ele tem um importante significado. Minha filha não pensou em princesas e rainhas da Disney, mas em Nossa Senhora. Hoje, com seis anos, ela seria capaz de descrever todas as dinastias monárquicas dos contos de fadas e das produções cinematográficas. Mas a Virgem Maria foi a sua primeira rainha.

No ano seguinte, ela e seus colegas de sala ofereceram omeletes aos funcionários da escola, relembrando a história de Santa Cândida na infância, quando ainda era chamada de Joanita. Esse ato simbólico os levou a refletir sobre a fome e a importância da partilha.

Desde os três anos, ela afirma ser a protetora da natureza; revolta-se toda vez que vê lixo jogado na rua ou uma árvore sendo cortada. Chamou a atenção do pai quando o viu escovando os dentes com a torneira aberta. Além disso, adora cuidar das plantinhas que tem.

Todos os anos, na Páscoa, ela e seus colegas dividem o pão, bebem suco de uva e relembram a Última Ceia, ressaltando, mais uma vez, a importância da partilha.

Assim como muitos colegas da Rede, comecei a trabalhar no colégio ainda jovem: não havia completado trinta anos e ainda não tinha minha filha. Desde que iniciei minha jornada no Imaculada de Campinas, fui apresentada à história de Santa Cândida e aos valores da instituição. A acolhida não era apenas verbalizada, mas percebida na prática - algo que pude constatar desde o primeiro dia de trabalho. A firmeza com afeto era, e continua sendo, algo que procuro dosar e aplicar na minha relação com os alunos. Além disso, os projetos norteadores são sempre pautados nos valores cristãos, presentes nas Campanhas da Fraternidade. No entanto, eu percebia a ação do educador sem ter um entendimento pleno de como ela se refletia, na prática, no aluno. Foi quando me tornei mãe e minha filha passou a estudar no Imaculada que tive a real compreensão da educação cristã da Rede Filha de Jesus - como se agora eu pudesse perceber o ciclo completo: a saída e a chegada, o início e o fim.

Nesse sentido, percebo que a educação da Rede Filhas de Jesus é integral, integradora e resistente.

Integral, pois se preocupa com a formação completa do ser humano: nossos alunos são preparados academicamente, mas também emocional e eticamente. Portanto, a nossa preocupação vai além da aprovação no vestibular, estendendo-se à formação do ser humano em todas as esferas, para que possa enfrentar os diferentes desafios da vida.

Integradora porque, enquanto instituição católica, não é alheia aos acontecimentos do mundo, nem se isenta de posicionamento; ao contrário, integra-se a eles. Santa Cândida, em sua vida, foi norteadora por Jesus, que sempre foi sua inspiração. Ambos deixaram clara a preferência pelos mais necessitados. Santa Cândida, ainda criança, desprende-se de seu prato

favorito para dá-lo a quem sentia fome; na juventude, fazia sopa para distribuir a quem passava necessidade e, quando foi repreendida, disse: *“onde não houver lugar para meus pobres, não há lugar para mim”*. Ao criar a congregação, percebeu que ela e suas seguidoras teriam que lidar com outras fomes: a de conhecimento e a do Evangelho. Nesse sentido, a educação católica, por sua excelência, posiciona-se contra as injustiças, as discriminações, as intolerâncias, as fomes e as guerras, e se mostra favorável à vida, à justiça, ao respeito, ao amor, à solidariedade e à paz.

Resistente, pois mantém firme sua missão, atuando como resistência às ações e valores visíveis na contemporaneidade. Visto que, diante de uma realidade que valoriza a aceleração, o rendimento e a alta performance, nossas escolas nos convidam a pausar, respirar, rezar, ler e refletir. Em um mundo que prioriza o ter, lembramos que o mais importante é o ser. Diante da competição e da meritocracia, valorizamos a fraternidade e a partilha. Perante a depredação e a busca pelo lucro, lembramo-nos da importância do cuidado da casa comum, o cuidado com o meio ambiente e com as pessoas que nele vivem.

Nesse sentido, estar na Rede Filhas de Jesus transcende a simples presença, mas envolve o ser, a constituição ética, religiosa e civil de todos os educadores, alunos e familiares que dela participam.

“Estar na Rede Filhas de Jesus transcende a simples presença, mas envolve o ser, a constituição ética, religiosa e civil de todos os educadores, alunos e familiares que dela participam.”

**Nádia
Ferreira
Anoroço**

Professora de História do Ensino Fundamental Anos Finais e do Ensino Médio. Graduada pela UNESP.





Young Learners

A importância do ensino da Língua Inglesa desde a Educação Infantil

Stella Maris

Young Learners, também conhecido como “aprendizes jovens” em tradução livre, é um termo utilizado na área da educação para se referir a crianças em idade escolar que estão aprendendo um novo idioma.

E quais os benefícios de aprender inglês desde cedo?

É nesse período que as crianças têm maior facilidade em absorver novos conhecimentos e desenvolver habilidades linguísticas. As crianças nessa fase, tendem a ter mais facilidade de absorver conhecimentos do que adultos, pois a criança é cheia de espontaneidade e elas não tem vergonha de errar.

Desafios no ensino de idiomas para Young Learners.

O ensino de idiomas para Young Learners também apresenta alguns desafios.

Um dos principais é a necessidade de adaptar as atividades e o conteúdo para atender às necessidades e interesses das crianças. É importante que as aulas sejam dinâmicas e estimulantes, para manter a atenção e o interesse dos alunos. Materiais lúdicos sempre são importantes durante as aulas.

Por que as crianças devem começar a aprender inglês cedo?

O fato de a língua inglesa ser uma habilidade é inquestionável. Hoje em dia, vemos muitas escolas adotando o termo bilíngue ou incluindo a Língua Inglesa no seu currículo pedagógico. A maioria das escolas e pais reconhecem a importância de aprender inglês desde cedo. Aprender um novo idioma desde cedo ajuda a expandir o vocabulário, aprimorar a capacidade de comunicação e desenvolver habilidades de pensamento crítico.

Fatores Psicológicos e Cognitivos no Ensino de Língua Inglesa para Crianças

VISÃO PSICOLÓGICA: com a necessidade crescente de socialização, as crianças querem conhecer novos amigos.

A barreira psicológica é mínima, porque nessa idade as crianças se tornam mais sociáveis e falantes.

Maior interesse em aprender: as crianças descobrem que há muitas coisas novas e interessantes ao seu redor e tentam expandir os limites do que é permitido para satisfazer sua crescente curiosidade.

VISÃO FISIOLÓGICA: o sistema linguístico da língua materna delas é mais ou menos claro para elas. Portanto, não tendem a misturar as duas línguas.

Seus órgãos da fala (Aparelho Fonador) ainda são flexíveis, o que facilita a reprodução de sons e a aquisição de uma pronúncia mais próxima da nativa.

As crianças ainda se lembram de como aprenderam sua língua materna, então usarão o mesmo princípio ao aprender um novo idioma. Como resultado, terão mais facilidade para se lembrar de frases e outras construções linguísticas, desde que pratiquem regularmente.

Além disso, os processos cognitivos, como memória, imaginação, atenção e percepção, encontram-se em intenso desenvolvimento durante a infância. Dessa maneira, quando submetidas a metodologias adequadas, atividades lúdicas e recursos atrativos, as

crianças conseguem assimilar conteúdos linguísticos de forma significativa e prazerosa.

Utilizar métodos de ensino adequados, recursos atrativos e adaptados à faixa etária, além de promover a interação social, são estratégias essenciais para garantir um aprendizado eficaz e prazeroso para os Young Learners. Investir no ensino de idiomas para as crianças é investir no futuro, proporcionando a elas oportunidades de crescimento pessoal e profissional, além de contribuir para a formação de cidadãos globalizados e conscientes da importância da diversidade cultural.

“É importante que as aulas sejam dinâmicas e estimulantes, para manter a atenção e o interesse dos alunos. Materiais lúdicos sempre são importantes durante as aulas.”

Referências Bibliográficas

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PIAGET, JEAN. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ROCHA, CLÁUDIA HILSDORF. **O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007.

MOON, JAYNE. **Children Learning English**. Oxford: Macmillan Heinemann, 2000.

Francisco Roberto

Professor de Língua Inglesa do Colégio Stella Maris - Rio de Janeiro. Pós-Graduando no Curso Tecnologias Aplicadas à Educação - IF Sudeste de MG.





Educação e Identidade

A Capoeira como Pilar da Lei 10.639/03
na Rede Filhas de Jesus

Colégio Imaculada Mogi Mirim

Resumo

Este artigo vem enfatizar a importância de contemplar e valorizar as culturas afrobrasileiras e africanas (Lei 10.630/2003) no contexto escolar para a promoção da igualdade racial, busca da ancestralidade e da identidade cultural.

Analisa a inserção da capoeira na Rede Filhas de Jesus, no Colégio Imaculada - Mogi Mirim (SP), no Instituto Educacional Coração de Jesus - Bragança Paulista (SP) e no Colégio Stella Maris - Rio de Janeiro (RJ), como ferramenta pedagógica para não só o cumprimento da Lei, mas o impacto da prática na promoção da igualdade racial, no resgate da ancestralidade e no desenvolvimento integral

(cognitivo, físico e socioemocional) de crianças e adolescentes, consolidando-se como uma tecnologia socioeducativa e decolonial fundamental para a formação cidadã.

1) O Compromisso Institucional e Histórico

A presença da capoeira nas matrizes curriculares das unidades de Mogi Mirim, Bragança Paulista e Rio de Janeiro materializa o compromisso da Rede Filhas de Jesus com as diretrizes da Lei Federal nº 10.639/03. Mais do que uma atividade desportiva, a disciplina atua diretamente no resgate e na valorização da intelectualidade, da arte e da resistência afro-brasileira.

Reconhecida pelos estudantes como uma prática decolonial, a roda de capoeira ressignifica o ambiente escolar em um espaço de resiliência. Essa abordagem legitima saberes ancestrais e populares dentro do currículo formal, promovendo uma educação crítica, inclusiva e de combate ao racismo estrutural (RUFINO, 2019).

2) A Capoeira como Tecnologia Ancestral e Eixos Pedagógicos

A metodologia aplicada nas três cidades aborda a capoeira como uma tecnologia de sobrevivência e preservação cultural, estruturada em três eixos principais:

- **Corporalidade:** O movimento como expressão de identidade, liberdade e autoconhecimento. O corpo é entendido de forma holística, integrando as dimensões cognitivas, socioafetivas e psicomotoras (FALCÃO, 1996).
- **Territorialidade:** A adaptação e o fortalecimento da prática desde a sua origem urbana no Rio de Janeiro até o interior de São Paulo, criando comunidades de aprendizado e respeito mútuo.

- **Oralidade e Musicalidade:** O ensino de cânticos e o manejo de instrumentos como salvaguarda da história e da memória da população negra.

3) Impacto Regional e Intercâmbio Cultural

A implementação da disciplina promoveu um intercâmbio cultural relevante entre as unidades de São Paulo e do Rio de Janeiro:

- **No interior paulista (Mogi Mirim e Bragança Paulista):** a prática atua na desmistificação de preconceitos, aproximando os alunos de uma herança historicamente silenciada.
- **No Rio de Janeiro:** a disciplina conecta o estudante à própria geografia urbana local, onde a capoeira passou da criminalização e perseguição histórica à consagração como patrimônio cultural.

Esse modelo atende às demandas contemporâneas do desporto com identidade sociocultural, transformando o desenvolvimento individual em fortalecimento coletivo e melhoria da qualidade de vida escolar (REIS, 2001).

4) Alinhamento Legal e Prática Pedagógica

A relevância da capoeira está chancelada tanto pela legislação federal quanto pelas competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conforme destaca Pertussatti (2012), a capoeira abrange múltiplos campos de direito social e desenvolvimento:

Dimensões Críticas da Capoeira na Escola

Campos de Atuação: educação, Cultura, Esporte e Lazer.

Abordagem Didática: arte-luta, jogo, música e filosofia de vida.

Impacto Social: inclusão, terapia e superação de barreiras físicas e mentais.

“Mais do que uma atividade desportiva, a disciplina atua diretamente no resgate e na valorização da intelectualidade, da arte e da resistência afro-brasileira.”



Como ferramenta de educação integral com grande autonomia e capilaridade, a capoeira integra e encanta diversas matrizes étnicas, sociais e linguísticas, consolidando-se como uma proposta de emancipação humana (JANNUZZI, 2007).

5) Conclusão

Educar para o século XXI exige o reconhecimento e o respeito à nossa base histórica. A disciplina de capoeira na Rede Filhas de Jesus cumpre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais ao combater o racismo por meio do conhecimento prático. Ao introduzir o berimbau na rotina escolar, garante-se que os estudantes negros se vejam representados com dignidade e que os estudantes não negros aprendam a valorizar a pluralidade que construiu a nação.



Referências Bibliográficas

FALCÃO, JOSÉ LUIZ CIRQUEIRA. **A escolarização da capoeira**. Brasília, DF: Royal Court Editora, 1996.

JANNUZZI, LUCIANO. **Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá. Capoeira: Dança, Luta, Jogo, Arte ou Educação Física?** Monografia (Graduação em Educação Física), Unipinhal, Espírito Santo do Pinhal, 2007.

PERTUSSATTI, MARCELO. **Capoeira e Educação Integral: diálogos entre aprender e ensinar**. Monografia (Pós-Graduação em Educação Integral),

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2012. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3342/1/PERTUSSATTI.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2026.

REIS, ANDRÉ LUIZ TEIXEIRA. **Educação Física & Capoeira: saúde e qualidade de vida**. Brasília, DF: Thesaurus, 2001.

RUFINO, LUIZ. **Pedagogia das encruzilhadas**. Editorial Mórula, 2019.



Rui José Santos da Silva

Professor de Educação Física, pós-graduado em Ludopedagogia, Educação Especial e História e Cultura Afro-Brasileira. Capoeirista desde 1997, é contramestre de capoeira. Desde 2021, atua como professor de atividades extracurriculares no IECJ - Bragança Paulista, onde é responsável pelas aulas de capoeira.



Luciano Jannuzzi

Professor de Educação Física e Capoeira. Comunidade Ampliada de São Paulo, Colégio Imaculada Mogi Mirim-SP.



Silvia Reis M. Martins Freitas

Professora de Capoeira (Projeto Vidigal Capoeira). Graduada em Nutrição (UNESA). Pós Graduada em Nutrição Clínica Funcional (UFRJ). Pós graduanda em Endocrinologia e Metabologia (FACUVALE). Co-Idealizadora e Produtora do Encontro Nacional de Capoeira e Cultura Popular.

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE JESUS

CASA PROVINCIAL

Rua da Bahia, 1432 - Lourdes -
CEP 30160-017 - Belo Horizonte - MG

CENTRO DE SERVIÇOS COMPARTILHADOS

Rua Ludgero Dolabela, 1021
6º andar - Gutierrez - CEP 30441-048
Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3337-8755

COMUNIDADE CÉU AZUL - SANTA LUZIA - SANTÍSSIMA TRINDADE

CASA DE ESPIRITUALIDADE E EVENTOS SANTÍSSIMA TRINDADE

Rua Madre Cândida, 241 - Vila Paris
CEP: 30380-690 - Belo Horizonte
MG - Tel: (31) 3344-6411
Site: www.casasantissimatrindade.com.br

CASA SANTÍSSIMA TRINDADE

Rua Madre Cândida, 241
Vila Paris - Belo Horizonte - MG
CEP: 30380-690
Tel: (31) 3344-2441

CASA DO CONJUNTO CRISTINA - SANTA LUZIA

Av. Yolanda Teixeira da
Costa, 386 - Santa Luzia
MG - CEP 33110-640

CASA DO CÉU AZUL

Rua Radialista França
Campos, 98B
Céu Azul B - Belo Horizonte
MG - CEP 31580-040
Telefone: (31) 3654-4831

COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ (CASA DE ENFERMARIA)

Rua Costa Pinto, 123 - Vila Paris
CEP 30380-700 - Belo Horizonte - MG
Tel: (31) 3344-8289

COMUNIDADE DE MONTES CLAROS

Av. Neco Delfino, 363
Delfino Magalhães
CEP 39402-181 - Montes Claros - MG
Tel: (38) 3216-2184

OBRA SOCIAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Av. Neco Delfino, 363/399
Delfino Magalhães
CEP 39402-181 - Montes Claros - MG
Tel: (38) 3222-2256
Site: www.obramoc.com.br

CENTRO POPULAR DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL STELLA MARIS

Estrada do Vidigal, 75 - Vidigal
CEP 22450-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 2274-1147
Site: www.stellamaris-rj.com.br

COMUNIDADE RIO DE JANEIRO

Estrada do Vidigal, 75 - Vidigal
CEP 22450-230 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 3518-1224

COMUNIDADE RUSSAS

Rua José Plácido Gonçalves Júnior, 344
Planalto da Contumbela
CEP 62901-243 - Russas - CE

COMUNIDADE DE CAMPINAS

R. Barão de Atibaia, 825 - apto 71/72
Ed. Girassol - Vila Itapura
CEP 13023-011 - Campinas - SP

INSTITUTO EDUCACIONAL CORAÇÃO DE JESUS

Rua José Guilherme, 493 - Centro
CEP 12900-231 - Bragança Paulista - SP
Tel: (11) 4033-2763
Fax: (11) 4033-2788
Site: www.iecj.com.br

INSTITUTO EDUCACIONAL IMACULADA CONCEIÇÃO

Praça da Bandeira, 11 - Centro
CEP 13800-058 - Mogi Mirim - SP
Tel: (19) 3862-0102
Site: www.colegioimaculada.com.br

INSTITUTO EDUCACIONAL IMACULADA

Av. Barão de Itapura, 1735 - Guanabara
CEP 12020-433 - Campinas - SP
Tel: (19) 3231-7911
Site: www.imaculada.com.br



www.filhasdejesus.org.br

 [filhasdejesus](https://www.youtube.com/filhasdejesus)    [redefilhasdejesus](https://www.instagram.com/redefilhasdejesus)